

entre o pensamento de

LÉLIA GONZALEZ

e a palavra poética



**VII Fórum Pró-Igualdade Racial
e Inclusão Social e II Fórum
Internacional 20 de Novembro**

Ana Rita Santiago
Cláudio Manoel Duarte de Souza
Giovana Carmo Temple
Ronaldo Crispim Sena Barro
(organizadores)

UFBA
Universidade Federal da
Bahia

FICHA CATALOGRÁFICA

E61 Entre o pensamento de Lélia Gonzalez e a palavra poética
 / Ana Rita Santiago... [et al.]._ Cruz das Almas, BA:
 UFRB, 2014.

100p.Textos selecionados e premiados pela Comissão
Organizadora do Prêmio Lélia Gonzalez, promovido pela
PROEXT/UFRB.

ISBN 978-85-61346-70-6

1.Literatura brasileira. 2.Relações raciais – Análise. 3.
Racismo. 4. Relações étnicas. I.Souza, Cláudio Manoel
Duarte de. II.Temple, Giovana Carmo. III.Barros, Ronaldo
Crispim Sena. IV.Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia – Pró-Reitoria de Extensão.

CDD: 863

Ficha elaborada pela Biblioteca Universitária de Cruz das Almas - UFRB.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Reitor

Paulo Gabriel Soledade Nacif

Vice-Reitor

Silvio Luiz de Oliveira Soglia

Pró-Reitoria de Extensão (Proext)

Ana Rita Santiago

Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (Propaae)

Ronaldo Crispim Sena Barros

Coordenadoria de Cultura e Universidade (Ccu)

Claudio Manoel Duarte de Souza

Coordenadoria de Programas de Extensão (Coproext)

Giovana Carmo Temple

Núcleo de Formação (Nuform)

Jean Adriano Barros da Silva

Núcleo de Gestão de Articulação e Eventos de Extensão (Nuavex)

Alessandro Rodrigues Brandão Correia

Núcleo de Gestão de Avaliação e Publicação (Nugav)

Antônia Viviane Martins Oliveira

Núcleo de Gestão de Cultura, Comunicação e Divulgação (Nuccom)

Sandrine Souza

Núcleo de Gestão de Documentação (Nugedoc)

Felipe Cardoso Santos

Núcleo de Gestão do Memorial (Numen)

Rita de Cássia Silva Doria



Maitê Rangel

Núcleo de Gestão de Recursos (Nugere)

Robson dos Santos Oliveira

Núcleo de Programas, Projetos e Núcleos de Extensão (Nugepe)

Sinvaldo Barbosa Melo

Secretaria de Apoio Administrativo (Secad)

Tércio da Silva Menezes

Conselho editorial

Ana Rita Santiago

Cláudio Manoel Duarte de Souza

Giovana Carmo Temple

Comitê de Avaliação

Bruno Durães

Fernanda Maria de Almeida Dos Santos

Giovana Carmo Temple

Juvenal de Carvalho Conceição

Mônica Meneses

Tatiana Pequeno da Silva

Revisão

Antônia Viviane Martins Oliveira

Diagramação

Sandrine Souza

Andrei Borges (monitoria de comunicação)

Apresentação

A proposta desta publicação é colocar em cena a história e a contribuição social de uma mulher e intelectual brasileira que é quase sempre deixada de lado pela história oficial do país, apesar de ter sido alguém que teve um papel relevante, sobretudo na militância social, nos meios intelectuais e acadêmicos. É bastante corrente o não reconhecimento de determinadas figuras ou personalidades na cultura e história do Brasil, principalmente, quando essa pessoa não é oriunda dos

padrões hegemônicos difundidos, no caso, quando não é de estética branca (europeizada), ou de família nobre e abastada. No caso em tela, o esquecimento oficial parece ser quase uma determinação, pois se trata de uma mulher que não aceitou colocar, como diria Frantz Fanon, a máscara do outro (do branco) para ser aceita, anulando sua origem e sua história. Pelo contrário, ela indagou, foi à luta, denunciando práticas racistas e combatendo a própria forma do racismo à brasileira. Na verdade, ela questionava a imposição de papéis sociais pré-destinados de gênero e de raça. Quando a pessoa a ser lembrada é uma mulher negra, de origem social baixa ou das classes trabalhadoras ou subalternas, como diria o sociólogo Florestan Fernandes, assim, já se explicaria, muito provavelmente, o motivo do não reconhecimento.

A nossa proposta nessa publicação se movimenta, justamente, em outra direção. Almejamos, ainda que postumamente, fazer jus a uma mulher que contribuiu para a cultura nacional e que merece o reconhecido destaque, pois assim como ela, outras e outros estão inviabilizados e lançados ao ostracismo. Certamente, inúmeros brasileiros e brasileiras, negros e negras, índios, de classes baixas, que lutaram para melhorar e edificar o país, serão esquecidos dos livros didáticos e da história. No nosso caso, trata-se da professora e militante Lélia Gonzalez. Lélia foi uma importante militante e intelectual das questões raciais no Brasil e do feminismo negro engajado. Formou-se em história e filosofia, além de fazer doutorado em Antropologia. Nasceu em 1º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, e faleceu em 1994, no Rio de Janeiro. Filha de um ferroviário negro e uma índia empregada doméstica, mudou-se em 1942 para o Rio de Janeiro. Seu primeiro emprego, já no Rio de Janeiro, foi como babá, ainda na adolescência, por pouco

não se tornou, como ela disse em uma entrevista, uma “empregadinha” de família. Rebelou-se contra o papel e o espaço que lhe destinavam e ousou seguir outro destino. Terminou estudando em uma escola tradicional no Rio, o Colégio Pedro II, iniciando ali sua nova caminhada. Depois foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado, tornou-se professora da PUC-Rio, passando também pela UFRJ e UERJ. Escreveu diversos textos/livros sobre gênero e questões raciais, dentre eles *Festas populares no Brasil e Lugar de Negro*. Este último em coautoria com Carlos Hasenbalg, entre outros. Foi uma mulher e militante que faz parte da história social e intelectual do país.

Trata-se, dessa forma, de uma publicação que busca fundamentalmente resgatar e valorizar a história dessa brasileira que não pode e não será esquecida. Por mais perversa que seja, como diria Lélia, a dialética do dominado e do dominador e por mais fechado, intolerante e estreito que seja o racismo presente nas elites nacionais ou nos meios intelectuais desse país, ainda assim, cabe aqui e cotidianamente a luta persistente e destemida para derrubar barreiras, desmascarar preconceitos e afirmar identidades étnicas e raciais. Nessa via, espera-se que Lélia seja sempre lembrada e estudada.

Esta publicação apresenta textos que foram premiados em um Edital público específico para esse fim, dentro do Fórum Internacional 20 de novembro da UFRB, em 2013. São dois artigos que tratam diretamente de Lélia e um terceiro que aborda um assunto relevante no debate racial. O primeiro texto é o de Ires Brito, intitulado “Lélia Gonzalez: A Nêga Ativa”, nele são apresentados, de forma clara e objetiva, traços gerais do pensamento de Lélia, ressaltando a interface entre questões de sexismo e racismo presentes na luta e na obra da homenageada.

texto é o de Luana Santos, denominado “História oral de vida de Lélia Gonzalez: primeiros passos”, em que a autora apresenta delineamentos gerais do pensamento e da trajetória de vida de Lélia, evidenciando um conjunto de temas presentes no seu caminho, como o debate sobre ser mulher, negra e de classe baixa como sendo fonte de uma tripla discriminação. Por fim, o terceiro e último texto é do Humberto Júnior, denominado “ ‘Sou Negro’ e a Literatura Negra: Literatura ou Militância?”, que trata de um tema bastante relevante, que é da literatura negra e/ou afro-brasileira e/ou militante. Isto é, o autor coloca em debate esses termos e discute como que a Literatura brasileira terminou, em muitos casos, estereotipando os escritores negros, quase sempre, inferiorizando e discriminando suas contribuições, fazendo isso baseada em visões eurocêntricas e racistas.

Desejamos a todos uma excelente leitura e esperamos que esta coletânea seja mais uma de muitas que virão na perspectiva de manter viva a contribuição social, cultural e política da ativista e professora Lélia Gonzalez, vinte anos após sua morte. Portanto, espera-se que esse seja apenas mais um passo de afirmação e reconhecimento e que outros novembros virão, e que a luta pela igualdade e diversidade étnica não ocorra apenas no mês de novembro no contexto do Fórum Internacional 20 de novembro, mas que se torne prática comum de todo dia, assim, parte da cultura de todos e todas. Espera-se o dia que não mais precisaremos resgatar nomes e personalidades de forma localizada, pois elas estarão democraticamente e igualitariamente nas representações sociais coletivas do Brasil, na tradição e cultura do povo, em sua história e memória. Todavia, enquanto isso não ocorre, sigamos na luta e na afirmação, afinal, reconhecer e premiar é valorizar a si mesmo enquanto povo e enquanto nação.

Bruno José Rodrigues Durães*

** Professor Adjunto de Sociologia da UFRB, coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ações Afirmativas e Assuntos Estudantis (NEPAAE/PROPAAE/UFRB) e Pesquisador do CRH/UFBA. Membro da Comissão Organizadora do Prêmio Lélia Gonzalez de Textos e do Concurso de Literatura.*



Sumário

- a. Introdução12
- b. Vencedores do Concurso de Literatura.....15
- c. Artigo
 - Lélia Gonzalez: A Nêga Ativa18

História Oral de Vida de Lélia Gonzalez: Primeiros Passos.....37

“Sou Negro” e a Literatura Negra: Literatura ou Militância?.....53

d. Poema

Macunaíma, Imperador do Brasil72

O Exu de Basquiat ou “Poema de Sete Encruzilhadas”74

O Toque do Tambor76

Um bicho Acuado.....80

Horizontes Negros82

e. Conto

E do Silêncio se Fez o Grito!86

Zé Pretão e a Marca Social94



Introdução

Seguindo a tradição das religiões de matrizes africanas, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) pede licença aos ancestrais e a bênção aos mais velhos para publicação desta coletânea de textos sobre *As Populações Negras e a Sociedade do Conhecimento no Século XXI* - temática geral do fórum 2013. Com destaque para a vida e obra da pesquisadora Lélia Gonzalez - militante e intelectual das questões étnico-raciais e do feminismo negro no Brasil.

Sem dúvida, o incentivo para a produção e publicação de textos contem-

porâneos que abordem a temática étnico-racial e que valorizem o povo e a cultura negra e os movimentos políticos, históricos e sociais de lutas, resistências e conquistas do homem e da mulher negra, além de fortalecer as atuais políticas e práticas de ações afirmativas, é uma importante ação em prol das estratégias de superação dos discursos conservadores, discriminatórios e excludentes - historicamente disseminados - e para a consolidação de práticas equânimes, anti-racistas e anti-sexistas. Ademais, a homenagem feita - por meio desta obra - à filósofa, escritora, militante e ativista negra, Lélia Gonzalez, e ao forte legado deixado pela intelectual, é também um modo de homenagear as mulheres negras e de impulsionar novas ações de enfrentamento e combate ao racismo e ao sexismo.

Sendo assim, esta obra reúne textos de diversos escritores e pesquisadores comprometidos com as questões étnico-raciais, as transformações sociais e o fazer científico. Trata-se dos textos selecionados e premiados pela Comissão Organizadora do Prêmio Lélia González e do Concurso de Literatura, ambos promovidos pelas Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE) e pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em 2013. Integrando a programação do II FÓRUM INTERNACIONAL 20 DE NOVEMBRO e do VII FÓRUM PRÓ-IGUALDADE RACIAL E INCLUSÃO SOCIAL, tais concursos foram realizados com o intuito de estimular a produção literária da comunidade universitária, assim como do público externo, e de incentivar a cultura, premiando artigos, contos, crônicas e poemas sobre “As Populações Negras e a Sociedade do Conhecimento no Século XXI” e artigos que tratam da biografia de Lélia González e de assuntos ou temas pesquisados pela intelectual.

Dos dez textos premiados nos concursos e publicados nesta obra, nove foram

produzidos por escritoras e escritores do Recôncavo ou da capital baiana - Daniel dos Santos, Denisson Palumbo, Eduardo Filho, Hildália Cordeiro, Humberto Manoel, Ires Brito, Leandro Muniz, Marília Souza e Ramiro Coni - e apenas um artigo é de autoria da escritora mineira Luana Diana dos Santos. Em suma, é o Recôncavo produzindo sobre/para o Recôncavo! É o negro produzindo sobre o negro!

Por tudo isso, esta obra reforça - mais uma vez - o compromisso social da UFRB, seja com a produção e divulgação de obras científicas e artístico-literárias que valorizam o povo e a cultura negra, seja com o desenvolvimento de ações, programas e políticas Pró-Equidade Racial e Inclusão Social no Recôncavo Baiano.

Axé Muntu a tod@s e uma excelente leitura!

Fernanda Maria Almeida dos Santos*

** Professora Adjunta do Curso de Letras da UFRB, gestora de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis no CFP/UFRB. Membro da Comissão Organizadora do Prêmio Lélia González de Textos e do Concurso de Literatura*

Vencedores do concurso de literatura

Categoria: Poema

1º lugar: Um bicho acuado

Autor: Ramiro Rodrigues Coni Santana

E-mail: ramiroconisantana@hotmail.com

2º lugar: Horizontes Negros

Autor: Eduardo Fernando Ferreira Maskell Filho

E-mail: eduardomaskell@yahoo.com.br

3º lugar: O Exu de Basquiat

Autor: Denisson Palumbo

E-mail: denissonpalumbo@gmail.com

4º lugar: Ndani

Autor: Daniel dos Santos

E-mail: dandan.fagia@hotmail.com

5º lugar: O toque do tambor

Autor: Marília Barboza Souza Silva

E-mail: mariliasouza07@hotmail.com

Categoria: Conto

1º lugar: Zé Pretão e a Marca Social

Autor: Leandro dos Reis Muniz

E-mail: leomuniz@ufrb.edu.br

2º lugar: E do silencio se fez o grito

Autor: Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro

E-mail: hildaliafernandes@hotmail.com





Artigo

Lélia Gonzalez: A Nêga Ativa

Ires dos Anjos Brito

Resumo: Este artigo integra os estudos realizados a partir da dissertação de mestrado *Revisitando os percursos intelectuais e políticos de Beatriz do Nascimento e Lélia Gonzalez*. Apresentarei, sucintamente, o pensamento de Lélia Gonzalez e suas teorias acerca da mulher negra com o intuito de compreender a análise feita por GONZALEZ a respeito tanto da dupla exploração, articuladas pela intersecção entre o sexismo e o racismo, quanto a singular atuação de Lélia nos Movimentos Negro, Feminista e, sobretudo no Movimento de Mulheres Negras, onde sua contribuição intelectual é indelével.

PALAVRAS-CHAVE: LÉLIA GONZALEZ; SEXISMO; MULHER NEGRA

LÉLIA GONZALEZ: “A Nêga Ativa”

Quando vejo alguém afirmar que é “mulato”, eu digo logo, que ele é uma “mula”, “mulato”, não. Achrom que, por ser de cor marrom, significa ser mulato! Isto aí é cair na esparrela, na armadilha da ideologia do branqueamento, e da divisão, e do estilhaçamento da nossa identidade étnica. (Lélia Gonzalez, 1988)

O resquício da visão colonialista construiu e popularizou, no Brasil, imagens da mulher negra aprisionadas em linguagens estereotipadas produzidas e mantidas pelas elites brasileiras. A representação da mulher negra, sobretudo, pelas ciências sociais foi, por muito tempo, um dos principais alvos dos estudos de Lélia Gonzalez, os modos como se davam aquelas representações, no entender de Gonzalez, necessitavam de urgente reformulação.

Gonzalez questionava a validade destes discursos, afirmando que a postura patriarcalista, falocêntrica e “europocentrista” de grande parte dos estudiosos brasileiros estava interessada apenas em manter o controle do poder e, por conseguinte, manter a grande massa de negros e negras em lugares subalternos, ou como ela mesma dizia, em manter a dialética do dominado e do dominador. A teóroga e professora, Tereza Santos, ilustra esse pensamento da seguinte maneira:

[...] se a gente é gorda, não tem o que eles chamam de padrão de beleza da sociedade brasileira, então o nosso lugar é na cozinha, se a gente atende aos padrões ocidentais do branco, então o nosso lugar é

na cama [...]¹

A equação mucama igual a mulata, doméstica e mãe preta, incide na construção da mulher negra como mero objeto, um apetrecho domiciliar, o que, sem sombra de dúvida, reforça a coisificação, ou como bem afirma Lélia, a infantilização da pessoa humana imposta pelas práticas escravagistas. Concordando com Tereza Santos (sua amiga e contemporânea) ao eleger e correlacionar tais categorias, Gonzalez desenvolve o argumento de que estes arquétipos se diluem, ou, se preferirmos, se concentram, em uma antecessora mor: A mucama.

Se outrora, a mucama, escrava destinada aos serviços da casa grande, era uma especificidade da mulher negra no Brasil colônia, a desfaçatez da democracia racial brasileira tratou de recriar para estas mulheres outras denominações no desempenho dos mesmos papéis, reproduzindo de certo modo, uma verossímil lógica inerente às relações escravistas, ainda no que sugere Santos: “[...] desde criança, com treze, quatorze anos, você passa a ser mais um objeto de uso do patrão, nós estamos sempre sendo preparadas para ser objeto de uso, ou na cozinha ou na cama [...]”. Os efeitos mais diretos dessa lógica estão intimamente relacionados a prosaicas manifestações do racismo e do sexismo, que Lélia passou a considerar como “neurose cultural brasileira”.

São estes *efeitos violentos*, produzidos pela articulação do racismo e do sexismo sobre a mulher negra, a força motriz da produção intelectual de Lélia. Sua vasta experiência em seu trabalho intelectual, constituído a partir tanto de uma trajetória pessoal e acadêmica, quanto do contato com intelectuais negras e negros da afro-diáspora, motivaram-na a manter sempre firme a ligação entre

¹Depoimento extraído do documentário Enugbarijô, gravado em São Paulo, 1985.

seus postulados teóricos e a comunidade negra de modo geral. Seu intuito era, em última instância, propiciar o diálogo entre a academia, importante espaço de saber-poder, e os grupos do movimento em que atuava. Claro que Gonzalez estava atenta às estratégias academicistas de parte da elite letrada que monopolizava as discussões políticas, por isso ela fazia questão de ir às comunidades, falar em público, na maioria das vezes usando uma linguagem bastante despojada e despreocupada com o rigor formal, a qual conhecia muito bem. Com a preocupação de popularizar os debates políticos, Lélia, além de participar ativamente e promover inúmeros encontros, palestras, reuniões com os mais variados segmentos da sociedade brasileira, publicou diversos textos em folhetins, boletins e periódicos da época, dentre estes, quero destacar o popular impresso *Mulherio*, que circulou por quase uma década (de 1981 a 1988) por todo país. Lélia integrou nos anos iniciais (1981 a 1983) o conselho editorial deste jornal, e era uma das responsáveis (em tese) pela notícia quando o assunto era mulher negra, já que, segundo noticiava a primeira edição do periódico, o *Mulherio* não teria um “posicionamento pré-estabelecido sobre este ou aquele assunto”, evitando estilhaçamento das discussões a respeito da problemática feminina. Além da temática com nítido enfoque racial, o interesse de Gonzalez era trazer a retórica feminista para o debate público e racializado. Atenta às estratégias de silenciamento, ela não titubeava: “[...] se nós somos maioria efetivamente, nós temos que lutar pelos nossos direitos, nós não temos que ficar no gueto [...]” por isso ela decretava: “[...] nós temos que estabelecer tarefas dentro de um campo concreto e rapidinho desenvolver uma militância muito ativa [...] porque não estamos mais naquele tempo de só ficar fazendo manifestaçãozinha de rua, não!” (GONZALEZ, 1988a)

A indiana Gayatri Spivak, em seu conhecido artigo, *Pode o subalterno falar ?* faz críticas sistemáticas aos processos de silenciamento e subalternização impostos à mulher no contexto colonialista patriarcal. Para Spivak, a mulher é um “*sujeito historicamente emudecido*”, ou seja, dentre os grupos subalternizados, é quem mais sofre as consequências destes processos decorrentes das práticas de sujeição. A orquestração de fatores como o patriarcalismo, a discriminação étnicorracial, além claro, das desigualdades sociais, torna a mulher negra e pobre o tipo mais suscetível aos impactos deste embatucamento. Há uma eficaz estruturação epistemológica e política responsável por manter a colonialidade no interior dos discursos acadêmicos. Ainda que estes discursos se pretendam “democráticos”, na sua episteme estão arraigadas as estratégias de manutenção do poder que implica, necessariamente, em manter certos processos de subordinação e subjugação do Outro.

A leitura pós-colonial apresentada pela autora tem ratificado o que, há cerca de vinte anos antes, Lélia Gonzalez chamava de *lógica da dominação*. Com imensurável dose de ironia, ela dizia:

[...] na medida em que nós, negros, estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. É justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infantis, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho

assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar e numa boa.
(GONZALEZ, 1980b, p.225)

Lélia Gonzalez demonstra que já nas décadas de 1970 e 1980 o ativismo feminista e negro estava atento à opressão metamorfoseada em liberalismos nacionais. A domesticação política, apontada por Gonzalez e tão rechaçada pelos estudos descoloniais, indicava que um longo caminho ainda precisava ser trilhado em direção a uma democracia efetiva, uma democracia que não se alimentasse da “guetização” dos sujeitos alijados pelo sistema. Mesmo sendo considerada como intransigente, por muitos, ela insistia:

É da gente que tem que partir essas propostas de democracia, efetivamente. O sistema funciona justamente no sentido de alijar a maioria, basta você ver, por exemplo, o quadro da classe política: é a mesma coisa desde que o Brasil é Brasil. [...] O sistema tenta nos guetizar, evidentemente, mas nós não podemos aceitar isso. (Jornal do MNU 1991, p. 2)

A identidade coletiva desenvolvida pela pertença ao movimento feminista e/ou o movimento negro não diluía as tensões internas destes grupos nem as opressões das quais eram alvo a base popular que dava validade às deliberações políticas do movimento. Estava claro que havia a preocupação em não se deixar manipular, ou *guetizar*, como Lélia dizia. Seu interesse estava justo no fato de atentar para os perigos de muitos militantes serem usados como “massa de manobra” para atingir os objetivos dos partidos políticos, que já atuavam na direção dos movimentos (negro, feminista) e ou por seus representantes, que neste caso seriam outros

militantes com cargo de comando no interior dos grupos. A manipulação política e o descarte destes militantes vistos algumas vezes meramente como números, que davam quorum as decisões internas da direção dos movimentos, sempre foi criticada por Gonzalez. Em sua opinião, a figura do capitão do mato, ou *feitores do sistema*, servia para ilustrar tanto o vínculo com práticas colonialistas no seio de grupos que se intitulavam liberais progressistas, quanto para demonstrar que o sentimento de comunidade e coletividade, muitas vezes, extrapolava as identificações ou laços biológicos ou primários de raça, gênero e classe.

A questão da democracia tem muito mais a ver conosco, que somos excluídos, do que com os “caras” que estão no poder, que não estão a fim, evidentemente. E aí entra a questão dos governantes negros, que terão que provar a que vieram, com relação a sua própria comunidade. Eu vejo os feitores do sistema como uma questão muito complicada, porque eles são muito sofisticados. Eles estão à frente de instituições poderosas e você tem que estar muito atento para ver até que ponto você está no jogo. (Jornal do MNU, 1991, p. 2)

Esse “jogo” não acontecia apenas na arena do movimento negro, mas estava difundido como prática política em muitos movimentos populares e, obviamente, com o movimento de mulheres não seria diferente. Muitos “pegas” entre o movimento de mulheres e suas militantes negras se davam nos encontros dos chamados “grupões”, ou seja, nas plenárias deliberativas com a base filiada. Gonzalez, bem articulada e atenta a esta prática, era sempre incisiva:

Apesar de aspectos positivos em nossos contatos com o MM, as con-



tradições e ambigüidades permanecem, uma vez que, enquanto originário do MM ocidental, o MM brasileiro não deixa de reproduzir o “imperialismo cultural” daquele (Bourne, 1983). E, nesse sentido, não podemos esquecer que alguns setores do MM não têm o menor escrúpulo em manipular o que chamam de “mulheres de base” ou “populares” como simples massa de manobra para a aprovação de suas propostas (determinadas pela direção masculina de certos partidos políticos). Mas, por outro lado, muitas “feministas” adotam posturas elitistas e discriminatórias em face dessas mesmas mulheres populares. (GONZALEZ, 1984, p.10)

Não sabemos até que ponto exatamente se deu as tensões entre Lélia e o movimento de mulheres, mas sem dúvida nenhuma, essa tensão motivou não só o surgimento do movimento de mulheres negras como dissidência do movimento de mulheres, como a formação de diversos grupos e coletivos de mulheres negras espalhados pelo país. As polêmicas manobras políticas geraram uma evidente fragmentação do movimento de mulheres, uma fragmentação que no frígido dos ovos sempre existira (o que é comum a qualquer grupo), conforme foi demonstrado anteriormente, mas que fora escamoteada pela homogeneização implícita na construção social do “ser mulher” enquanto sujeito universal. Assumir a voz num movimento que silenciava a mulher não branca significava, em última instância, assumir um protagonismo precipitado pelo histórico de liderança e resistência destas mulheres que, em geral, já exerciam esta liderança no âmbito familiar enquanto arrimo e chefes de família. “Quer dizer, nós deixamos de ser invisíveis, a verdade é essa. Não dá mais para se ficar escamoteando a questão das relações raciais no Brasil, pois nós estamos aí, de uma forma ou de outra”. (Jornal do MNU,

1991)

A presença das mulheres negras nas associações de bairros, nos sindicatos, nos partidos políticos, nos movimentos de favela, nos coletivos de mulheres, amplificava a voz de um enorme contingente de intelectuais e ativistas que não admitia ser usado e descartado como lixo por grupos que elas haviam ajudado formar. O objetivo era assumir a própria fala, conforme fica estampado neste trecho, extraído do panfleto produzido e distribuído pelo coletivo de mulheres *Nzinga*, por ocasião das comemorações ao dia internacional da mulher, em março de 1984:

“Somos um *Coletivo*: não aceitamos que a arbitrariedade de uma hierarquia autoritária determine nossas decisões, mas que elas sejam o resultado de discussões democráticas. Somos um Coletivo de *Mulheres* porque lutamos contra todas as formas de violência, ou seja, lutamos contra o sexismo e a discriminação sexual. Somos um Coletivo de *Mulheres Negras*: além do sexismo, lutamos contra o racismo e a discriminação racial que fazem de nós o setor mais explorado e mais oprimido da sociedade brasileira (...) Nosso objetivo é trabalhar com as mulheres negras de baixa renda (mais de 80% das trabalhadoras negras), que vivem principalmente nas favelas e nos bairros de periferia. E por quê? Porque são discriminadas pelo fato de serem mulheres, negras e pobres” (GONZALEZ, 1984, p. 11)

Nesse fragmento, as ativistas do coletivo demonstram com nitidez a não aceitação das táticas de infantilização e silenciamento das mulheres não brancas por grupos que se auto-intitulavam “democráticos”. A década de 1980 foi marcada pelo surgimento de muitos outros grupos com objetivos semelhantes ao *Nzinga*.



Os anos seguintes testemunharam a criação de grupos de mulheres negras (Aqualtune, 1979; Luiza Mahin, 1980; Grupo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, 1982) que, de um modo ou outro, foram reabsorvidos pelo Movimento Negro. Todas nós, sem jamais termos nos distanciado do MN, continuamos nosso trabalho de militantes no interior das organizações mistas a que pertencíamos (André Rebouças, IPCN3, SINBA, MNU, etc.), sem, no entanto, desistir da discussão de nossas questões específicas junto aos nossos companheiros que, muitas vezes, tentavam nos excluir do nível das decisões, delegando-nos tarefas mais “femininas”. (GONZALEZ, 1984, p. 9)

A tarefa de empreender uma linha de atuação política feminina também dentro do movimento negro não foi muito amena. Paradoxalmente, os “companheiros” tão ambientados com o discurso contra a exclusão racial, não raro, tinham práticas sexistas e homofóbicas, conforme insiste Gonzalez em sua comunicação *The Black Woman's Place in the Brazilian Society* apresentada em 1984 no encontro: *1985 and Beyond: A National Conference*. No entanto, e apesar dos conflitos enfrentados por grande parte das mulheres negras com o MN, Gonzalez considerava que o fato de negros e negras compartilharem a mesma experiência de dominação e exploração colonial favorecia certa cumplicidade entre ambos. Segundo a autora, isso seria mais significativo, que uma pseudo-solidariedade desenvolvida a partir da sectarização precipitada pela opressão política gerada pela diferença de gênero. Sendo assim, a conclusão de Gonzalez era a de que:

[...] como nós, mulheres e homens negros, nos conhecemos muito bem, nossas relações, apesar de todos os “pegas”, desenvolvem-se num plano mais igualitário, cujas raízes, como dissemos acima, pro-

vêm de um mesmo solo: a experiência histórico-cultural comum. Por aí se explica a competição de muitos militantes com suas companheiras de luta (que se pense no “esquecimento” a que nos referimos anteriormente). Mas, por outro lado, por aí também se explica o espaço que temos no interior do MN. E vale notar que, em termos de MNU, por exemplo, não apenas nós, mulheres, como nossos companheiros homossexuais, conquistamos o direito de discutir, em congresso, as nossas especificidades. E isto, num momento em que as esquerdas titubeavam sobre “tais questões”, receosas de que viessem a “dividir a luta do operariado”. (GONZALEZ, 1984, p. 9)

O imperialismo imposto pelo elitismo do discurso da esquerda, *a luta do operariado* era constantemente debatido por Lélia, que também era filiada a partidos de esquerda, como já foi dito antes. Para ela, o grande problema tanto do MM quanto dos partidos políticos de esquerda, estava na raiz das teorias emancipatórias neoliberais. Esta raiz, evidentemente, estava fincada nas ideias progressistas européias e por isso reproduziam as adstrições da herança etnocêntrica também. Para problematizar esta herança etnocêntrica, Lélia dedica-se à formulação de duas hipóteses importantes as quais ela desenvolveu ao longo de seu trabalho de pesquisa: O conceito de amefricanidade e o deslocamento linguístico provocado pelo “pretuguês”. Na perspectiva de Gonzalez, havia uma miopia epistêmica que desfavorecia os estudos a respeito da contribuição africana e indígena na história do Brasil.

Apesar da seriedade dos teóricos brasileiros, percebe-se que muitos deles não conseguem escapar às astúcias da razão ocidental. Aqui e ali podemos constatar em seus discursos, os efeitos do neocolonialismo



cultural; desde a transposição mecânica de interpretações de realidades diferentes às mais sofisticadas articulações “conceituais” que se perdem no abstracionismo. Seu “distanciamento científico” quanto ao seu “objeto” (isto é, o negro e o mulato) revela, na realidade, a necessidade de tirar de cena um dado concreto fundamental: *enquanto brasileiros, não podemos negar nossa ascendência negro/indígena, isto é, nossa condição de povo de cor.* (GONZALEZ, 1979 a, p. 06)

A amefricanidade, categoria apresentada por Lélia Gonzalez, funcionaria enquanto contraposição à latinidade. A ideia defendida pela autora passa, obrigatoriamente, por entender que a construção da América sintetizada pela sua influência Latina e Ibérica invisibiliza a maciça presença amefricana e ameríndia neste lado do continente. No entender de Gonzalez, “ [...] a experiência comum dos descendentes de africanos na América pode ser apreendida e unificada pela amefricanidade, uma categoria que, no longo processo de resistência, remete à construção de toda uma identidade étnica” (GONZALEZ, 1988d).

A aposta numa correlação entre as experiências negro-africanas nas Américas reforçava em Gonzalez a teoria de que a amefricanidade estava para além dos limítrofes do Brasil ou mesmo da América Latina. A inscrição destes e destas líderes, na história do continente, tirava da penumbra e do silenciamento, a presença de sujeitos que, segundo a autora, jamais haviam se calado diante do horror da escravização.

Entendo que, mesmo sem um necessário aprofundamento histórico ou antropológico, as teorias de “amefricanidade” e resistência negra, propagadas pela ativista, compõem um movimento político pessoal, interessado em potencializar

uma acústica contranarrativa (Hall, 2008) capaz de reconhecer e encorajar negros e negras a assumirem um papel diferente do preconizado pelo colonialismo nas Américas e no mundo. Sempre que podia, Gonzalez reafirmava que, na Afro-América e, evidentemente, no Brasil, havia um tipo eficaz de racismo que, de maneira proeminente, emudecia e vitimava grande parte da população negra e ameríndia: o racismo por denegação. A denegação é uma categoria psicanalítica freudiana, usada para explicar os mecanismos sobre os quais os indivíduos rejeitam características inerentes a sua estrutura intelectual mesmo sabendo que determinado aspecto, de fato, atravessa sua personalidade. Assim funciona para Gonzalez o racismo à brasileira: Embora se tente negar ou se rejeite a possibilidade do país ser considerado racista, há suficiente informação que comprova as desigualdades etnicorraciais no país; a denúncia destas práticas era uma marca no discurso de Gonzalez.

Na retórica de Gonzalez, estava a preocupação em acionar uma militância que extrapolasse os limites espaciais das salas de reuniões do movimento e que se tornasse cada dia mais uma prática do cotidiano. Nessa perspectiva, ela alimentava um discurso que estivesse em sincronia com a manutenção da pauta e das bandeiras do movimento, das questões raciais, apoiado ou não pelo Movimento Negro, que nem sempre estava interessado em manter indiscriminadamente esta fraternidade, como comenta Gonzalez:

Mas você percebe que muitos companheiros ganham o jogo, se aliam aos feitores (como aconteceu na nossa história, para que não se pense que os feitores agiam sozinhos. Eles tinham seus cúmplices também),



e contribuem para essa dispersão, essa falta de perspectiva, para a falta disso que você colocou, um programa mínimo de ação. Eu me lembro da Zezé Mota, por exemplo. Ela fez uma tentativa em sua área de criar aquele catálogo de atores negros. E o que aconteceu? Qual foi o suporte, o apoio que o Movimento Negro deu para a Zezé Mota? Nenhum. [...] E o trabalho dela acaba se transformando em trabalho isolado, e sozinho você não tem forças. [...] Porque no momento em que neguinho me atinge, não está atingindo a uma pessoinha que é a Lélia, está atingindo a mulher negra, é o movimento que está sendo atingido. [...] O feitor de hoje é o grande aliado que chega e bate nas suas costas etc. E que, de repente, está vivendo às custas de nossa comunidade, se dizendo um grande aliado que faz e acontece. [...] (Jornal do MNU, 1991, p.2)

Nos mais diversos ambientes em que Lélia Gonzalez atuava, as figuras da professora, da mulher, militante e negra se diluíam em um ativismo sem fronteiras, ainda que lhe custasse a simpatia de alguns. Isso, sem sombra de dúvidas, deve ter contribuído as muitas retaliações que Gonzalez sofreu durante sua vida profissional e política, a exemplo dos cargos eletivos e de chefia aos quais se candidatou e que, com exceção de sua última investida para chefe do departamento de sociologia e política da PUC-Rio, em geral, não obtinha sucesso, ficando algumas vezes, apenas com a suplência.

Acredito que este, digamos, “insucesso”, de Gonzalez tenha se fundamentado na forma e no conteúdo de seus discursos que, além do acentuado recorte racial e de gênero, eram de inconfundível apresentação; em geral irônicos e muito polêmicos. Um discurso marcado por uma sonora musicalidade do português falado no Brasil, o qual Lélia fazia questão de chamar de pretuguês.

Essencialmente crítica, Gonzalez deixou para a população brasileira, negros e negras, um imenso legado de formulações políticas, teóricas e científicas. Quer seja discutindo pertinência vernacular da influência africana através do pretuguês, quer seja problematizando o “lugar do negro (a)” na sociedade brasileira, ou mesmo deslocando o conceito de latinidade tão reforçado pelas teorias europeizantes, jamais se calou diante do que seus olhos consideraram injustiça. Por isso buscou até os seus últimos dias respostas que possibilitassem diminuir as diferenças raciais, de gênero e sociais que se perpetuavam na sociedade brasileira em sua época e que se mantêm presentes. No que ficou registrado do seu pensamento, Gonzalez questionava:

Por que será que tudo aquilo que incomoda é chamado de coisa de preto? Por que será que ao ler o Aurélio, no verbete negro, a gente encontra uma polissemia marcada pelo pejorativo e pelo negativo? Por que será que “seu” Bispo fica tão apavorado com a ameaça da africanização do Brasil? Por que será que ele chama isso de regressão? Por que vivem dizendo pra gente se por no lugar da gente? Que lugar é esse? Por que será que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo? Por que será que se tem “o preconceito de não ter preconceito” e ao mesmo tempo se acha natural que lugar do negro seja nas favelas, cortiços e alagados? (GONZALEZ, 1980, p. 238)

Ainda hoje, procuramos (pesquisadores e intelectuais, negras e negros) responder não só a estas questões, mas explicar o que subjaz a tudo isso: O desejo de que o Brasil se torne um país mais igualitário, onde o lugar social e político dos indivíduos não esteja baseado em práticas racistas e sexistas. Em 10 de julho de

1994, Lélia foi encontrada, já sem vida, pela sua sobrinha, um infarto precipitado por muitos problemas de saúde, consequência da grave diabetes que havia desenvolvido. Em sua ascendente trajetória, Gonzalez formulou, confabulou e, estruturou muitas respostas em busca de entender/explicar os mecanismos operacionais do racismo à brasileira, um legado que ainda carece de estudos para uma sistematização mais pontual.

O ressonante eco dos seus discursos não foram silenciados com a sua passagem para o mundo ancestral, mas sim fortalecidos por difusas vozes que em sua memória mantém vivo o ideal de transformar o Brasil em um país “onde haja a participação real e justa do negro” (GONZALEZ, 1982).

Referências:

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: Rumo a uma nova consciência. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005p. 704-719

BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa & WHITE, Evelyn C. (Org.) O Livro da Saúde das Mulheres Negras: Nossos Passos Vêm de Longe. Rio de Janeiro: Pallas/Criola. 2000, p. 42-61

CARNEIRO, S. Mulheres em Movimento. In: Revista Estudos Avançados. São Paulo, v. 49, n. 17, p.117-132, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. La política del pensamiento feminista negro In: Navarro, M.

y Stimpson C.(comp.) ¿Qué son los estudios de las mujeres? Buenos Ayres: Ed. Fondo de Cultura, Económica. 1998.

CURIEL, Ochy. Descolonizando El Feminismo: Una Perspectiva Desde America Latina Y El Caribe. Comunicación presentada en el Primer COLOQUIO LATINOAMERICANO SOBRE PRAXIS Y PENSAMIENTO FEMINISTA, Buenos Aires, junio de 2009.

DU BOIS, W.E.B. As almas da gente negra. Rio de Janeiro: Lacerda , 1999.

FANON, Franz. Peles negras, máscaras brancas. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Ângela. Condições e contradições do trabalho doméstico em Salvador In: MORI, N.; FLEISCHER,S.; FIGUEIREDO,A.; BERNARDINO-COSTA, J. CRUZ. T. (Orgs). Tensões e experiências: um retrato das trabalhadoras domésticas de Brasília e Salvador.Brasília: CFEMEA, 2011, 89-132.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje 2, ANPOCS, Brasília. 1980

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro, Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. Comunicação "The Black Woman's Place in the

Brazilian Society”, apresentada na 1985 AND BEYOND: A NATIONAL CONFERENCE, promovida pelo African-American Political Caucus e pela Morgan State University: Baltimore, 1984.

GONZALEZ, Lélia. Cidadania de Segunda Classe. – IPCN. Rio de Janeiro 1988a .

GONZALEZ, Lélia. Por un feminismo afrolatinoamericano: Isis Internacional & MUDAR – Mujeres por un Desarrollo Alternativo. Mujeres. crisis y movimiento. América Latina y el Caribe. Ediciones de las Mujeres, n. 9, Chile, 1988b.

GONZALEZ, Lélia. A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade. In.: Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 92/93 janeiro – junho, 1988c.

GONZALEZ, Lélia. Nanny: Pilar da Amefricanidade. Revista Humanidades. Brasília: UnB, nº 17, 1988d.

SPIVAK, Gayatri. ¿Puede hablar El subalterno? Revista Colombiana de antropología, v. 39, enero-diciembre, 2003, p. 297-364.

WEST, Cornel. Questão de raça. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

História Oral de Vida de Lélia Gonzalez: primeiros passos

Luana Diana Santos

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar os caminhos percorridos inicialmente para a construção da história oral de vida da intelectual negra Lélia Gonzalez. Nas linhas que se seguem, será elucidada a importância do pensamento e da atuação de Lélia para os estudos de gênero e raça, além dos recursos teóricos e metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa proposta. Teóricos como Thompson (1992), Alberti (1989) e hooks (1995), nortearão este artigo.

PALAVRAS-CHAVE: LÉLIA GONZALEZ; HISTÓRIA ORAL; GÊNERO; RAÇA.

Abstract:

This paper aims to present the paths taken initially for the construction of oral life history of the black intellectual Lelia Gonzalez. In the following lines, the importance of Lelia's thinking and acting for studies of gender and race will be elucidated, in addition to theoretical and methodological resources used to develop the proposed research. Authors such as Thompson (1992), Alberti (1989) and Hooks (1995) guide this article.

Keywords: Lelia Gonzalez. Oral History. Gender. Race.

Para início de conversa...

As duas últimas décadas foram marcadas por conquistas históricas em benefício do contingente populacional negro no Brasil. Presenciamos a criação de órgãos oficiais e organizações/grupos não governamentais com o intuito de promover a igualdade racial no país. Soma-se a isso, a implementação de leis cujo objetivo principal é a conquista da tão sonhada cidadania plena.

Essas transformações podem ser vistas também nas Universidades. Muitos são os historiadores que comungam do ideal de (re)escrever a trajetória dos afrodescendentes no país, de maneira que, enquanto sujeitos críticos e atuantes no processo de formação da sociedade brasileira, recebam o devido respeito e reconhecimento. Nesse sentido, tomo de empréstimo a pergunta feita por Lélia Gonzalez em um dos seus artigos publicados no jornal *Mulherio*², publicação da

² O Mulherio foi uma das publicações mais importantes e longevas do movimento feminista brasileiro. Foi publicado entre

Fundação Carlos Chagas: *"E a mulher negra, cumé que fica?"*

Um levantamento bibliográfico acurado nos permite afirmar que apesar do aumento do interesse da Academia pelos ex-escravizados e seus descendentes, ainda é pequeno o número de trabalhos que tem como eixo condutor desvelar e registrar as contribuições políticas e sociais das afro-brasileiras à sociedade. Na verdade, trata-se de um movimento recente, iniciado a partir dos anos de 1975 a 1985, na chamada década da mulher (RODRIGUES, 2006), quando pesquisadoras como Sueli Carneiro (1985) e Sandra Maria Giacomini (1988), de forma pioneira, publicaram livros com recorte de gênero e raça. É necessário ressaltar, que em sua maioria, a produção acadêmica com interesse na vida e na obra das afrodescendentes foi produzida por "nós mesmas" (GONÇALVES, 2010): pesquisadoras negras comprometidas com um grupo historicamente injustiçado pelas classes dominantes.

Dessa forma, fica às claras que a história da mulher negra no Brasil permanece marcada por violências, exclusões e obscuridades. Na condição de historiadora e feminista, pretendo colaborar através da minha militância e da produção acadêmica com o processo de valorização das mulheres negras no país. Dessa forma, busco resgatar por meio de um levantamento bibliográfico sobre o tema, juntamente com depoimentos de ativistas e amigos, a trajetória intelectual de Lélia Gonzalez, referência dos movimentos negros e de mulheres do Brasil. Antes de melhor explicitar os objetivos da minha pesquisa, convém apresentar um pouco da vida de Lélia, de suas contribuições teóricas para os estudos de gênero e de seu engajamento político e social em benefício dos segmentos marginalizados da

19881 e 1988. Nas páginas do jornal encontramos cinco artigos de autoria de Lélia Gonzalez.

população brasileira.

ELA...

Lélia de Almeida Gonzalez é dona de uma biografia intensa e extensa. Décima oitava filha do casal Sr. Acácio e de Dona Urcinda, veio ao mundo no dia 1º de fevereiro de 1935, na cidade de Belo Horizonte, onde permaneceu somente por oito anos. Em 1943, toda a família mudou-se para o Rio de Janeiro, pois Jaime, seu irmão mais velho havia sido contratado pelo Clube de Regatas Flamengo. A capital carioca foi sua morada até 1994, quando faleceu em decorrência de um infarto do miocárdio.

Em 1986, Lélia concedeu uma entrevista ao jornal *O Pasquim*³, onde relatou a sua experiência como babá e empregada doméstica ainda na infância. A meu ver, tal passagem foi fundamental para o seu posicionamento frente à situação degradante em que ainda se encontram a maioria das afro-brasileiras:

Quando criança eu fui babá de filhinho de madame, você sabe que criança negra começa a trabalhar muito cedo. Teve um diretor do Flamengo que queria que eu fosse para casa dele ser uma empregadinha, daquelas que viram cria da asa. Eu reagi muito contra isso, então o pessoal terminou me trazendo de volta para casa. (“Lélia Gonzalez”. Rio de Janeiro, nº 871, p. 8)

Segundo a Historiadora Elizabeth Viana (2006, 49), Lélia concluiu o ensino médio em 1954, no Colégio Pedro II, tradicional escola carioca. Quatro anos depois, graduou em História e Geografia, e em 1962, tornou-se filósofa. Também

³ Edição localizado no arquivo público do estado de São Paulo.

em meados de 1960, Lélia exerce a função de tradutora de livros em francês de Filosofia e Psicanálise para o português⁴. Contudo, os dados relativos à sua formação acadêmica merecem maiores investigações. Em alguns artigos é apresentada como antropóloga e em outros como socióloga, porém, até o presente momento, não foi encontrado nenhuma dissertação ou tese que conferem a ativista belo-horizontina os títulos mencionados.

Autora do livro *Lugar de Negro*, de 1982 (em co-autoria com Carlos Hasenbalg) e responsável pelos textos da publicação *Festas Populares no Brasil*⁵, de 1987, esteve à frente de momentos significativos do movimento social negro: em 1978, ao lado de outros militantes, fundou o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR, nome mais tarde reduzido para MNU), na cidade de São Paulo, que tinha como principal plataforma de ação a reversão da situação em que se encontrava a população negra, conforme documento do Movimento:

JOGADO NAS FAVELAS, CORTIÇOS, ALAGADOS E INVA-SÕES, EMPURRADO PARA MARGINALIDADE, A PROSTITUIÇÃO, A MENDICÂNCIA, OS PRESÍDIOS, O DESEMPREGO E O SUBEMPREGO e tendo em si ainda o peso desumano da VIOLÊNCIA POLICIAL.

_____Antes de prosseguir, faz-se necessário explanar o cenário no qual o pensa-

4 Até o momento, localizamos três livros traduzidos por Lélia Gonzalez, publicados entre 1966 e 1976: HUISMAN, Dennis, VERGEZ, André. *Compêndio moderno da Filosofia*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1973.

_____*Curso Moderno de Filosofia: introdução à filosofia das ciências*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1975. MANONNI, Octave. *Freud e a psicanálise*. Rio de Janeiro, 1976.

5 Patrocinação patrocinada pela Coca-Cola.

mento e a atuação de Lélia se inserem. Os anos finais da década de 1970 foram marcados pelos primeiros lampejos da abertura política, após quase 20 anos de cerceamento das liberdades individuais impostos pelo regime ditatorial. Assim sendo, tem início no Brasil o ressurgimento de grupos e entidades em defesa das minorias, inclusive as organizações de mulheres negras, influenciadas pelo seu pensamento, reivindicavam a criação de um “Feminismo Afrolatinoamericano”, que possibilitasse às amefricanas – *“descendentes de africanos que não só foram trazidas pelo tráfico negreiro, como daquelas que chegaram à América antes de seu “descobrimento” por Colombo”*, o resgate de sua cidadania, conforme argumentou em artigo publicado no jornal *Maioria Falante*⁶, de 1988.

Os caminhos trilhados por Lélia Gonzalez, nos remetem a reflexões acerca do papel do intelectual contemporâneo, visto por teóricos como Edward Said (2005) e bell hooks (1995) como um ser cujo esforço “reside em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano” (Said, 2005, p. 10). A produção intelectual de Lélia Gonzalez apresenta-se como parte necessária da luta pela libertação de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas na busca pela descolonização de suas mentes (hooks, 1995, 464), conforme observamos no trecho a seguir:

A primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que ele é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, cianice etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta

6 Gonzalez, Lélia. “As amefricanas do Brasil”. *Maioria Falante*, Rio de Janeiro, maio de 1988.

de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada, portanto tem mais é que ser favelados. (GONZALEZ, 1981, p. 158-159).

Lélia Gonzalez faleceu aos 59 anos, em 10 de julho de 1994. Em vida, alcançou reconhecimento e prestígio nas esferas dos movimentos sociais, não somente no Brasil, mas também no exterior. Passados quase 20 anos de sua morte, contabilizamos três produções acadêmicas e uma biografia da intelectual mineira, número relativamente pequeno da importância de Lélia para o debate das questões de gênero e raça no Brasil. Sua produção bibliográfica encontra-se dispersa e esgotada no mercado editorial, o que dificulta o trabalho de novos pesquisadores.

Em sintonia com o pensamento de Michel Foucault, pensamos que:

Tornar visível o que não é visto pode também significar uma mudança de nível, dirigindo-se a uma camada de material que, até então, não tinha tido pertinência alguma para a história e que não havia sido reconhecida como tendo qualquer valor moral, estético ou histórico. (Apud Spivak, 2010, 78)

Nos caminhos da oralidade...

A professora e pesquisadora norte-americana Daphne Patai define a História

Oral sedutora tanto para o ouvinte, quanto para o narrador (2010, 29). A possibilidade de reconstituir a trajetória intelectual de Lélia Gonzalez através da oralidade muito nos motiva. Acredito que tal método de pesquisa me permitirá compreender melhor a importância e a influência do pensamento de Lélia Gonzalez para os movimentos negros e de mulheres contemporâneos, além de dar voz a atores sociais antes considerados irrelevantes para a História oficial, uma vez que:

A história oral (...) torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo. (THOMPSON, 1992, 26)

Até o momento, a vida e a obra de Lélia Gonzalez inspirou a produção acadêmica de cinco pesquisadores. Raquel Barreto (2005), autora da dissertação *Energendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez*, fez um estudo comparativo acerca da trajetória das ativistas norte-americana e brasileira. No ano seguinte, Elizabeth Pinto Viana, que teve a oportunidade de conhecer Lélia pessoalmente, reuniu elementos teóricos e arquivísticos para narrar o envolvimento e as contribuições de Lélia Gonzalez para os movimentos sociais das décadas de 1970 e 1980. Em 2010, o antropólogo Alex Ratts e a socióloga Flávia Rios publicaram a biografia de Lélia, que, na verdade considero um resumo dos dois trabalhos citados *a priori*, uma vez que após sua leitura, não encontrei nenhum elemento novo em relação ao que já havia sido dito

por Barreto (2005) e Viana (2006). Por fim, em 2013, a também historiadora Ires Brito defendeu a dissertação *Revisitando os percursos intelectuais de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento*, estudo ao qual ainda não tive acesso ⁷. A pesquisa prévia aponta que muitos fatos da trajetória de Lélia Gonzalez não foram citados nos trabalhos acima mencionados, inclusive fontes audiovisuais, textos produzidos em inglês e francês e uma intensa produção no meio jornalístico. Além disso, ao buscar um trabalho alicerçado pela História Oral, compactuamos com o que foi defendido por Alberti (1989):

Interessa é justamente a possibilidade de comparar as diferentes versões dos entrevistados sobre o passado, tendo como ponto de partida e contraponto permanente aquilo que as fontes já existentes dizem sobre o assunto. Assim, é natural que, quanto mais entrevistas puderem ser realizadas, mais consistente será o material sobre o qual se debruçará a análise. (p. 89)

Tendo como referência o que foi proposto por Verena Alberti (1989) na obra *História Oral: a experiência do CPDOC*, tenho optado pela realização de entrevistas temáticas “que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (p. 35), ou seja, depoimentos de ativistas contemporâneos à Lélia Gonzalez, cuja memória poderá contribuir para a recuperação e o resgate da trajetória intelectual e de vida de nossa focalizada. Verena Alberti me inspira também quanto à escolha dos entrevistados: serão selecionados aqueles que “par-

⁷ Em 05/08/2013 entrei em contato com a Ires Brito através do Facebook. Na época, Ires me informou que a dissertação estava sendo revisada, por isso ainda não estava disponível para consulta na internet. Até o momento do término da escrita deste projeto, o trabalho sobre as trajetórias de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento não havia sido disponibilizado para consulta no portal da Capes.

participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram” (1989, p. 31-32) de ocorrências ou situações ligadas à Lélia Gonzalez, que possam nos fornecer depoimentos significativos para o nosso trabalho.

Embora a minha pesquisa seja alicerçada na História Oral, é importante ressaltar que busco e necessito de elementos capazes de proporcionar uma base teórica sólida sobre o tema proposto. Além disso, um amplo levantamento de fontes documentais e arquivísticas são primordiais.

Em se tratando de arquivos, iniciei uma pesquisa prévia em julho deste ano, ao visitar a Fundação Carlos Chagas na cidade de São Paulo e o Centro de Informação da Mulher. A FCC possuiu grande relevância para este estudo, uma vez que Lélia Gonzalez participou do conselho editorial do jornal *Mulherio*, órgão de comunicação do Núcleo. Algumas das contemporâneas de Lélia, ainda permanecem na Fundação. Já o CIM, guarda o maior acervo de jornais feministas da América Latina, onde foi possível encontrar algumas entrevistas concedidas pela ativista negra. Tenho interesse em visitar centros, arquivos e instituições localizados no Rio de Janeiro, uma vez que Lélia Gonzalez passou a maior parte de sua vida na cidade.

O Conselho Estadual da Condição Feminina, do qual Lélia foi membro, e o Parque Lages, instituição onde a ativista mineira ministrou cursos sobre a cultura negra, são algumas das instituições onde desejamos realizar pesquisas em busca de fontes para a realização deste projeto.

Adelante...

Conforme apresentado no início deste artigo, a produção acadêmica que tem

como eixo condutor o binômio gênero e raça, apesar dos avanços, ainda é bastante tímida no Brasil. Ou, como diria Michelle Perrot (1988), a História é majoritariamente escrita sob o ponto de vista masculino (1988). Desse modo, ao elucidar a trajetória intelectual de Lélia Gonzalez através da História Oral, busco contribuir para o protagonismo das afrodescendentes, tarefa desenvolvida de forma magistral por Lélia, seja através de sua militância ou de sua produção bibliográfica, conforme o trecho a seguir:

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão. Enquanto seu homem é objeto de perseguição, repressão e violência policiais (para o cidadão negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; e assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira. (...) De um modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata. (GONZALEZ, 1982, 99)

As reflexões de Lélia Gonzalez começaram a ser produzidas há mais de trinta anos, porém, continuam a influenciar principalmente mulheres e homens negros na luta pela superação dos preconceitos e pela igualdade racial. A pesquisa aqui apresentada possibilita recuperar não só a trajetória intelectual de Lélia, mas também lutas e marcas, sem as quais não haveríamos obtido os avanços necessários para a tão sonhada “segunda abolição”.

Nos próximos dois anos, pretendo percorrer arquivos, localizar sujeitos que com o uso de sua memória, possam iluminar passagens desconhecidas ou ainda não registradas pela historiografia acerca do percurso realizado por Lélia Gonzalez ao longo de seus intensos 59 anos de vida. Até o momento, os contatos iniciais foram bastante promissores. Em conversa realizada por email, Jurema Batista⁸, ativista e amiga íntima de Lélia, mostrou-se disposta a colaborar com este projeto. Da mesma maneira, a psicóloga e escritora Fúlvia Rosemberg, companheira de Lélia Gonzalez nos tempos do jornal *Mulherio* foi bastante solícita ao responder uma mensagem via email⁹. Essas vozes e outras a serem localizadas permitirão *"recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares"*. (RIBEIRO et al, 2001, 16).

Dessa forma, ao tomar depoimentos orais como ponto de partida para a construção da história oral de vida de Lélia Gonzalez, acredito estar em consonância com o seu desejo de dar voz a sujeitos esquecidos e/ou marginalizados (THOMPSON, 26), que contribuirão de maneira primordial para o registro de seu legado, cujo valor é imensurável para os estudos de gênero e raça no Brasil.

Referências:

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (org.). O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de

8 Conversa realizada através do Facebook em 01/07/2013

9 Fúlvia Rosemberg foi a primeira pessoa contactada por mim, em março de 2012, quando os objetivos desta pesquisa ainda não eram bastante claros.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.

BARRETO, Raquel de Andrade. *Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzáles*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras Falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE RACISMO, XENOFÓBIA E GÊNERO, Durban, 2001. Disponível em: <<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>>. Acesso em: 02/07/2013.

CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. *Mulher negra*. São Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era*. Vol. 2. São Paulo: Globo, 2008.

FIGUEIREDO, Luciano. *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: EdUnB, 1993.

GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1988.

GOFF, Jacques Le. História e memória. 3ª ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994. hook, bell. *Intelectuais negras*. In: *Revista Estudos Feministas*. Ano 3, 2º semestre de 1995. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1995. P. 464-478.

PATAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Retratos do Brasil Negro).

RIBEIRO, Núbia Braga et. al. *Beco da Memória, desenhos da cidadania – Pedreira Padre Lopes: a vila na trajetória de sua história oral*. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte / Pró-Reitoria de Graduação e Pesquisa, 2001.

RODRIGUES, Cristiano Santos. *As fronteiras entre raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da construção da identidade coletiva do movimento de mulheres negras*. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2006.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. *Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez (1970-1990)*. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.



“Sou Negro” e a Literatura Negra: Literatura ou Militância?

Humberto Manoel de S. Júnior

Negro dentro e fora

Ritmo – sangue sem regra feita

Grito – negro – força

Contra grades contra forcas

Negro pronto

Resumo: O texto analisa o poema “Sou Negro”, do escritor negro, Doutor em Literatura Brasileira, Luis Silva, Cuti, e o contextualiza com a discussão sobre a existência da Literatura Negra brasileira, ao invés da Literatura afro-brasileira, enquanto espaço de demarcação dentro da Literatura brasileira, e não simplesmente, mas também, Literatura militante. Isso acontece, pois Cuti deixa evidente o lugar da fala. A militância dentro deste segmento não é negada, mas deve ser reconhecido também que, se existe a necessidade de demarcar esse espaço dentro da Literatura, é porque ela sempre se mostrou “branca”, logo militante. A grande discussão não deveria ser pautada em ser militante ou não, mas da inserção do conceito de *pluri-diversidade*, com todas as especificidades que a sociedade apresenta, para contestar a *uni-versidade* e o seus cânones. Isso nos leva a refletir sobre este saber hegemônico, eurocêntrico, que não a reconhece, e porque não o faz. Perceberemos que a estratégia de repetir no seu poema a palavra *negro* e a expressão *negro e pronto*, serve para apresentar um contraponto à forma de Literatura brasileira que reduz a participação do negro a uma representação estereotipada, pejorativa. É o que o autor chama de *belo novo contra o velho belo imposto*, é a forma de contestar o que se defende por ser clássico. A partir da análise do poema, perceberemos a necessidade de assunção da identidade negra, através de um vocabulário próprio, usando uma forma rítmica, onde os versos se entrelaçam, como em uma dança envolvente, com os conceitos e ressignificações.

1 CUTI, Poemas da carapinha, 1978.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA NEGRA; IDENTIDADE NEGRA; CUTI; RES-SIGNIFICAÇÕES.

A Literatura Negra está a cada dia mais consolidada. Falar de Literatura Negra é falar da construção de uma identidade, neste caso usaremos o conceito citado por Ana Rita Santiago, no qual faz referência a Homi Bhabha, que diz:

as identidades não integram a natureza humana, tampouco resultam de doação ou de aquisição passiva; ao contrário, as identidades individuais e coletivas são construtos socioculturais que se caracterizam como móveis, múltiplas, fluidas e fragmentadas e são, conforme Homi Bhabha, constantemente negociadas e contestadas.²

Nesse processo, obras são publicadas, divulgadas, mesmo com toda dificuldade, o que ainda incomoda o mundo acadêmico que nega a sua existência. Partiremos da análise do poema “Sou Negro”, de Cuti³, para entender um pouco melhor os desafios da Literatura Negra e a construção de uma identidade étnico-racial, pois percebemos que

em textos considerados canônicos, predominam significados de repertórios culturais negros que pouco se relacionam com alteridades e com as transitoriedades das identidades. Na Literatura Negra e entre autores pouco conhecidos em ambientes e segmentos literários aparecem, frequentemente, imagens, vozes poéticas e narrativas que, ao

2 SANTIAGO, Ana Rita. Vozes literárias de escritoras negras. Cruz das Almas, BA. UFRB, 2012, p. 96

3 Cuti é o pseudônimo do Doutor em Literatura Brasileira Luiz Silva.

contrário, atribuem sentidos propositivos e persuasivos de valorização de africanidades .⁴

Começaremos explicando o uso da denominação Literatura Negra e não literatura afro-brasileira, que se dá por três motivos. Primeiramente, essa escolha acontece, pois, “afro-brasileiro são todos os brasileiros. Mas do ponto de vista científico e não social. Mas tais palavras iniciadas pelo prefixo “afro” não representam em sua semântica a pessoa humana como o representa a palavra negro”⁵ . Segundo, pela provocação do título do poema em análise. E terceiro, para demarcar o lugar de onde se fala.

O Brasil se reconhece branco, mestiço e precisa se reconhecer negro. Neste poema, o autor demonstra a importância de se reconhecer enquanto negro e continuar a usar esta denominação. Sabemos que a palavra negro já foi usada para ofender, e que no vocabulário brasileiro ela carrega um significado pejorativo, partimos então para uma ressignificação desta palavra, como já vem sendo feita através da Literatura Negra, pois é sabido que “tendo a palavra em foco servido para ofender, no momento em que o ofendido assume-se, dizendo ‘eu sou negro’, o que ocorre é que ele dá a ela outro significado, ele positiva o que era negativo”.⁶

A sociedade brasileira reconhece o branco como quem detém o conhecimento. Isso ocorre, pois temos uma educação eurocêntrica e, que a academia quer continuar a legitimar, pois “na universidade prevalece um tipo de saber pretensamente científico e racional, branco, eurocêntrico e excludente da cultura e saber

4 SANTIAGO, 2012, p. 97-8

5 CUTI, Luiz Silva. Quem tem medo da palavra negro. In: Matriz: uma revista de arte negra, 2010, p. 42.

6 Idem, p. 46.

populares”⁷. É esse espaço acadêmico que tem que dar o “carimbo”, o aval para reconhecer a Literatura Negra, enquanto Literatura. Vivemos durante muito tempo suportando os cânones da Literatura, com as suas imagens estereotipadas e preconceituosas dos negros – mas sempre existiu quem destoasse – e quando podemos nos ver, sentir e existir não a querem reconhecê-la. Estamos neste momento “denegrindo”⁸ a Literatura, pois se sentimos a necessidade de demarcar o espaço da Literatura Negra dentro da Literatura, é pelo motivo de, até então, ela se mostrar “branca” e de forma estereotipada, como afirma Cuti: “a literatura brasileira torna-se negra exatamente porque até o presente foi, silenciosamente, de forma abusiva, branca, em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço”.⁹

“Escurecendo a questão”

Nos primeiros versos do poema, o autor já apresenta o lugar da fala: “*Sou negro, negro sou sem mas ou reticências*”. Logo percebemos que ele usa a palavra negro em vez de usar a palavra “hifenizada” afro-brasileiro. O autor percebe a necessidade de continuar a usar esta palavra, pois “na luta semântica entre a palavra ‘negro’ e aquelas associadas ao prefixo ‘afro’, a arte desempenha um papel fundamental”¹⁰. Devido a isso “a Literatura Negra brasileira traz também o desa-

7 SILVA, Antonio Ozaí da. Por que a Universidade resiste às cotas raciais?

8 A partir do seu significado seria tornando negro, o que por diversas vezes foi usado de forma pejorativa, estamos aqui para ressignificar a palavra, e torná-la positiva.

9 CUTI, Luiz Silva. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lana. FONSECA; Maria Margareth Soares. Poéticas afro-brasileiras. Belo Horizonte. Editora Puc Minas, Mazza Edições, 2002, p. 32.

10 Cuti, 2010, p. 49.

fio da primeira pessoa do negro. Essa experiência para o leitor, depois de mais de um século após a Lei Áurea, começa a acontecer, de forma sistemática, através da identidade coletiva do escritor negro”¹¹ . O autor continua a demarcar o lugar da fala e para quem fala, nos versos seguintes: “*Negro pronto contra o preconceito branco, o relacionamento manco, negro no ódio com que retransco, negro no meu riso branco, negro no meu pranto, negro e pronto*”. Nestes versos, mostra não ter medo da palavra negro e o que ela implica: a existência do racismo em nossa sociedade, e na Literatura brasileira. Apresenta, então, uma nova forma de existir, de sentir, uma alternativa de identificação com o autor e o texto lido, e de visão de mundo diferente da que nos é imposta, e que a academia legitima, já que “assim compreendemos a adoção de uma visão de mundo própria e distinta da do branco, sobretudo do branco racista, como superação da cópia de modelos europeus e de toda assimilação cultural imposta como única via de expressão”¹² . Esta imposição faz com que não seja fácil a assunção de uma identidade étnica perante a sociedade, mas a leitura desses textos inclui o negro no mundo que, até então, ele só assistia, e que quando participava era de forma escravizada por essa literatura que até hoje é tida como clássica. Neste processo,

o corpo negro vai ser alforriado pela palavra poética que procura imprimir e dar outras lembranças às cicatrizes das marcas de chicotes ou as iniciais dos donos-colonos de um corpo escravo. A palavra literária como rubrica-enfeite surge como assunção do corpo negro.¹³

11 Cuti, 2002, p. 28-9.

12 DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção, p. 18.

13 EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma voz quilombola na literatura brasileira.

Desta assunção surge a ideia de que esta vertente da literatura seria militante. Não podemos negar, segundo a escritora negra, Doutora em Literatura Comparada, Conceição Evaristo, que

a literatura negra brasileira não está desvincilhada das pontuações ideológicas do Movimento Negro. E embora durante quase todo o processo de formação da literatura brasileira existissem vozes negras desejosas em falar por si e de si, a expressividade negra vai ganhar uma nova consciência política sob inspiração do Movimento Negro, que volta para a reafirmação, na década de 70.¹⁴

No momento em que afirmamos que a Literatura Negra é uma literatura militante, estamos também reconhecendo que a Literatura “branca” brasileira também se faz militante, isto porque, “embora os estereótipos sejam positivos e negativos, comumente no campo das relações raciais e étnicas, destacam-se, em textos literários canônicos, aqueles que expressam preconceito racial em relação aos negros”¹⁵, conforme argumenta a professora negra, Doutora em Letras, Ana Rita Santiago. Assim, podemos afirmar que toda produção, seja ela literária, acadêmica ou científica estará cumprindo uma função ideológica a favor de algum grupo, o que já foi discutido no campo das ciências sociais, onde

há a proposição de que tudo na ciência, desde seus procedimentos até suas descobertas concretas e as teorias nas quais estas são organizadas, deve ser visto basicamente como dotado de uma função ou propósito político (ou, mais geralmente, ideológico) específico, associado

14 Idem.

15 Santiago, 2012, p. 98.

a algum grupo ou organização social e política.¹⁶

Essa função ideológica pode ser percebida, assim como no ramo das ciências sociais, como uma forma de se fazer militante, de defender sua ideologia.

A sequência da leitura do poema de Cuti nos traz a reflexão sobre a linguagem utilizada pela Literatura Negra. Ela também se diferencia pela forma que é apresentada, o que podemos perceber pelo trecho: "*Beijo, pixaim, abas largas meu nariz, tudo isso sim, negro e pronto, batuca em mim*". Mais uma vez, podemos notar o uso de expressões que antes eram pejorativas, sendo usadas de forma ressignificada e positivada. O que nos faz perceber que

a Literatura Negra brasileira não apenas quer para si a reivindicação de um lugar no panorama literário. Sua realização implica e projeta uma nova subjetividade do país, em cuja tarefa o exercício **de estar no lugar** do outro consiste, para a nacionalidade, um estar em si mesma, através da empatia com o ser negro e o despojamento da hegemonia da brancura ou, ainda, a fase conflitiva para chegar a isso.¹⁷

Em cada trecho percebemos a assunção do escritor e da necessidade de lutar por esse espaço através da repetição da expressão "*negro e pronto*". E os trechos vão seguindo com usos de expressões próprias ressignificadas, que exprimem uma sonoridade, dando ao poema um ritmo forte, muito presente na poesia negra. O ritmo associado ao jogo de palavras apresenta uma estética viva e vivenciada pelo autor, tornando a sua leitura um passeio sobre o ser negro na sociedade

16 HOBBSBAWN, Eric. Sobre História. 2ª ed. São Paulo Companhia das Letras, 2007, p. 139.

17 Cuti, 2002, p. 28.

brasileira. É através desta estética que “tornar-se-á visível já a partir de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações, opções vocabulares e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua”¹⁸ . Com isso, nos fazemos presentes e vivos no texto, sem aquela sensação de estar escutando uma conversa em que você não faz parte dela.

Cuti segue na sua provocação que leva o leitor à reflexão do que está imposto, e que, de certa forma, é aceito como um dogma, sem ao menos ser questionado. Nos versos: “*Meu rosto, belo novo contra o velho belo imposto, e não me prego em ser preto, negro pronto*”, percebemos um novo conceito sendo colocado em paralelo a outro que está imposto, como num processo de inclusão de fato e não de substituição do “dogma”. Podemos então voltar a fazer uso do hífen para trazer novos conceitos a essa forma totalitária em que a *uni-versidade* se impõe, quando a inclusão destes conceitos transformará este espaço em *pluri-versidade*, contudo,

não se trata , porém, de estabelecer um novo paradigma à maneira totalitária, mas sim de reconhecer as limitações do paradigma eurocêntrico e a necessidade de outras epistemologias, como a feminista e a racial. Em lugar da *uni-versidade* totalitária que nega o “outro” em suas particularidades de gênero, etnia, cultura etc. e se considera arrogante como o único conhecimento válido, urge instituir a *pluri-versidade*.¹⁹

18 Duarte, p. 18.

19 SILVA, Antonio Ozaí da. Por que a Universidade resiste às cotas raciais?

O que nos faz perceber que esta é a principal discussão, e não a de que a Literatura Negra é uma literatura militante, o que deixa evidente o intuito de, mais uma vez, inferiorizar o que vem da cultura negra. Nestes versos, assim como nos demais, podemos continuar a sentir, viver essa riqueza rítmica, que faz com que as palavras dançam e ganhem corpo, se entrelaçando com a riqueza cultural de uma grandeza que a cultura negra e esta vertente da Literatura podem oferecer. É como a sensação indescritível de presenciar a saída do Bloco Afro Ilê Aiyê, na ladeira do Curuzu, no bairro da Liberdade, na cidade do Salvador, um momento em que nos sentimos fortalecidos e reconhecidos perante a sociedade, através da maravilhosa beleza negra, este "*belo novo*", que cada vez se faz mais belo. Vale ressaltar que o referido bloco carnavalesco surge no carnaval de Salvador, justamente, para fortalecer o belo novo.

Seguimos, então, nesse balanço envolvente no qual o poema de Cuti nos convida a dançar. Nesta dança somos parte dela, desde a construção da música, e não simplesmente, somos os dançarinos. Somos dançarinos negros que mostram com seus ritmos o reconhecimento de ser criador desta dança. Nos versos seguintes: "*Negro pronto, contra tudo o que costuma me pintar de sujo, ou tentar me pintar de branco*", sentimos o contraponto, e voltamos a fazer uso do hífen, é o conceito contra o *pre-conceito*. É a demarcação de que sabemos que o não reconhecimento vem de uma negação do potencial do negro, pois para uma mente complexada, e que acredita no ideal de superioridade do branco, fica difícil aceitar que negros sejam capazes de passear pela cultura oral²⁰ até chegar à escrita, e

20 O primeiro domínio no qual se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento – aparentemente histórico – à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem (Le Goff, 2003, p. 424).

fazendo essa passagem de forma tão rica. É essa passagem e a importância da oralidade que traz no poema as suas entonações diferenciadas e cheias de significados. Percebemos então a importância dessa voz, já que “falar é existir absolutamente para o outro”²¹. Aceitar essa riqueza é curar-se desta forma complexada de enxergar a sociedade, haja visto que

uma pessoa racista é uma pessoa complexada, ou seja, uma pessoa com doença psíquica. Se um indivíduo diz que ele é o Super Homem, está querendo dizer que tem mais poder que os outros. E até mesmo a criação artística daquele personagem teve o sentido de dar esse suporte a um imaginário racista. O sentimento de superioridade congênita, por que se tem a pele e olhos claros, nariz estreito e cabelo liso, é uma doença psíquica. Como é uma doença psíquica que atinge muitas pessoas, torna-se uma patologia social. Para este grupo – que constitui o grupo hegemônico do ponto de vista da economia e da política – tal patologia acaba sendo incluída dentro dos parâmetros da normalidade das relações raciais. Então todas as formas de violência advindas dessa doença são invisibilizadas, tornam-se nada. Ou seja, como se não existissem.²²

O que nos leva mais uma vez à reflexão sobre a negação, invisibilização deste segmento da Literatura brasileira. Essa patologia acaba por atingir alguns negros, que se apresentam com pouca pigmentação, pois acabam embranquecendo-se²³,

21 FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador. EDUFBA, 2008, p. 33.

22 Cuti. Quem tem medo da palavra negro. In: *Matriz: uma revista de arte negra*, p. 44.

23 Se colocam na sociedade como se fossem brancos, para que sejam enxergados desta forma pela sociedade, já que “não são apenas o simples parentesco ou a simples diferença antropológicos (sempre no sentido da antropologia física) que fundam a atração ou a repulsas mútuas, mas a tomada em consideração deles como socialmente condicionada pelo estabelecimento de relações de dominação”. (POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 37).

através da ideia do privilégio de ser branco que existe na sociedade. É nesse sentido que o autor sente a necessidade de assumir-se enquanto negro, e repetir várias vezes o lugar da fala, enquanto fator importante da criação de uma identidade étnica. Este é o papel fundamental da Literatura Negra, a criação de um sentimento de pertença, de sujeito da sua cultura, para daí se identificar com a etnia negra na qual faz parte, o leitor que antes não se sentia representado pela Literatura brasileira. E esta importância age de diversas formas para este sujeito-leitor, já que

a experiência de reversão e de (des)silenciamento não significa apenas um fomento de práticas de valorização de negritudes ou de desidealização do negro e do branco, como discute Luis Cuti Silva (2002), um escritor de grande relevância para a constituição e manutenção da Literatura Negra no Brasil, ao tratar o sujeito-leitor e suas relações com a Literatura Negra. A Literatura Negra contesta rastros identitários, advindos das práticas de racismo, que fixam estereótipos negativos de africanidades e ameaçam o convívio inter-racial e o exercício da alteridade. Além disso, por esse segmento literário, é possível, até mesmo, desconstruir pela linguagem, significações e significantes de repertório culturais negros.²⁴

Nos últimos versos, o escritor apresenta a sua conclusão com uma força que exprime toda a luta e a assunção necessária para quebrar as barreiras impostas para impedir a assunção do ser negro. Finaliza, então, da seguinte forma: *"Sim, negro dentro e fora, ritmo – sangue sem regra feita, grito – negro – força, contra grades contra forcas, negro pronto, negro e pronto negro sou"*. Nestas palavras podemos ver uma provocação a um escritor tido como cânone, Monteiro Lobato,

quando o mesmo, ao colocar Dona Benta defendendo a tia Nastácia coloca da seguinte forma: “*Não quero que trate a Nastácia desse modo. Todos aqui sabem que ela é preta só por fora*”, conforme podemos ler em seu livro infantil *Memórias da Emilia*. Sabemos que a representação²⁵, na Literatura brasileira, passa pela ideia de, também, negar a existência do negro, que para existir tem que passar pela imagem estereotipada que lhe é imposta, sem levar em consideração os referenciais da cultura negra. Para entendermos melhor, usaremos Roger Chartier que afirma:

as formas de teatralização da vida social na sociedade de Antigo Regime dão o exemplo mais manifesto de uma perversão da relação de representação. Todas visam, de fato, a fazer com que a coisa não tenha existência a não ser na imagem que exhibe, que a representação mascare ao invés de pintar adequadamente o que é seu referente.²⁶

Contesta, também a ideia de regra feita, e que como um grito, o negro mostra a sua força para se impor neste jogo, que tende em subjugá-lo, e se tornando sujeito de sua história e cultura, pois segundo Edgar Morin:

assim, vemos que o próprio progresso do conhecimento científico exige que o observador se inclua em sua observação, o que concebe em sua concepção; em suma, que o sujeito se reintroduza de forma auto-

25 As acepções correspondentes à palavra “representação” atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. In: CHARTIER, Roger. O mundo como representação.

26 CHARTIER, Roger. O mundo como representação.

E assim como na ciência, o poema de Cuti se apresenta de forma autocrítica e autoreflexiva demonstrando conhecimento de seu objeto, e se inclui quando reafirma o lugar da fala e a percepção das faces do racismo, mostrando, também, que temos a força para combatê-lo, pois estamos prontos, munidos do poder que a consciência nos dá.

Conclusão:

A partir da análise do poema "*Sou Negro*", do escritor Cuti, podemos perceber a existência da Literatura Negra e sua importância para garantir o direito à voz ao sujeito negro. Esse sujeito passa a fazer parte do poema, reconhecendo a sua existência na leitura, para si e em relação ao outro, e com isso contestando o saber hegemônico, que o rejeita enquanto detentor de conhecimento e voz.

Neste processo de rejeição da Literatura Negra, uma estratégia utilizada é o uso da palavra Literatura associada a palavra "hifenizada" afro-brasileira, com o intuito de invisibilizar a expressão citada. Não podemos também deixar de citar a afirmação de que a Literatura Negra é uma literatura militante. Por mais que o sentido usado em relação a palavra militante, seja o de inferiorizar, o mesmo não acontece, pois não pode ser deixada de lado a importância dessa militância para hoje estarmos discutindo se é militância ou não, e o mais importante, que nesse processo repetimos e fixamos a denominação Literatura Negra. É como já foi

27 MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 8ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005, p. 29-30.

abordado, toda escrita passa pelo sujeito que escreve, e esse sujeito tem as suas ideologias que vão estar presentes, e então, a Literatura brasileira é militante independente do segmento.

A importância dessa militância dos escritores da Literatura Negra vai ser sempre ressaltada entre os próprios escritores, mas não podemos inferiorizar este segmento da Literatura com o uso dessa palavra, pois ela é sempre positivada, já que sabemos a importância dela neste projeto. O mais curioso é que mesmo esses escritores negros como Cuti e Conceição Evaristo, juntamente com a professora negra Ana Rita Santiago, adentram a academia, se tornam doutores, e mesmo assim este saber hegemônico vai insistir em defini-los como militantes – lugar que nenhum dos três nega.

A Literatura Negra tem o objetivo de desconstruir estereótipos criados e construir uma identidade étnica através da identificação e do sentimento de sua existência, que podem ser reconhecidos nos versos do poema "*Sou Negro*", de Cuti. Neste processo de (des)silenciamento é usado, como já foi abordado, uma linguagem própria, cheia de significados e ressignificações, na qual a cultura negra se torna valorizada. Essa linguagem própria, com seus ritmos e entonações, existe como forma de manter vivo o lugar da fala, e com isso uma grande vitória frente ao simbolismo de se fazer existir a partir de um contraponto ao saber hegemônico que, até então, se achava único. Este contraponto se faz necessário, pois como afirma Fanon, "falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. O anti-lhano que quer ser branco o será tanto mais na medida em que tiver assumido o instrumento cultural que é a linguagem"²⁸. E as escritoras e ou escritores negros

28 Fanon, 2008, p. 50.

garantem o seu lugar da fala, a partir do lugar do ser negro, e de apropriação da sua própria linguagem.

A análise do poema, portanto, nos mostra que o escritor Cuti faz parte da luta da *pluri-versidade* e sua diversidade, que respeita os seres garantindo a sua voz, e as suas especificidades, contra a *uni-versidade*, e o seus cânones com seus estereótipos negativos das culturas diferentes da do saber hegemônico, saber esse que a academia legitima. É do lugar do ser negro que podemos dizer: "*sou negro e pronto, beijo, pixaim, abas largas meu nariz, tudo isso sim [...] negro dentro e fora, Ritmo – sangue sem regra feita, Grito – negro – força, contra grades contra forcas*", nessa luta contra grades que nos prendem, e contra forcas que nos calam, e nos matam, continuarmos a vencer e a dizer: negro pronto, negro e pronto, negro sou".

Referências:

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext. Acesso em 25 de setembro de 2013.

CUTI, Luis Silva. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lana. FONSECA; Maria Margareth Soares. *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte. Editora Puc Minas, Mazza Edições, 2002.

CUTI, Luis Silva. *Quem tem medo da palavra negro*. Revista Matriz: uma revista de arte negra. Grupo de Teatro Caixa Preta. Ano 1, n. 1, p. 42-54, novembro de 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. Disponível em: <http://www.seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewfile/2017/1590>. Acesso em 25 de setembro de 2013.

EVARISTO, Conceição. *Literatura Negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. In: X Congresso Internacional da ALADAA. Rio de Janeiro. 2000.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador. EDUFBA, 2008.

HOBBSAWN, Eric. *Sobre História*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Bocatorta*. In: Urupês. São Paulo: Brasiliense, 1980.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 8ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas, BA. UFRB, 2012.

SILVA, Antonio Ozaí da. *Por que a Universidade resiste às cotas raciais?* Espaço Acadêmico, ano 6, n.65, out. 2006. Disponível em <http://www.espaçoacademico.com.br/065/65ozai.htm>. Acesso em 25 de setembro de 2013.

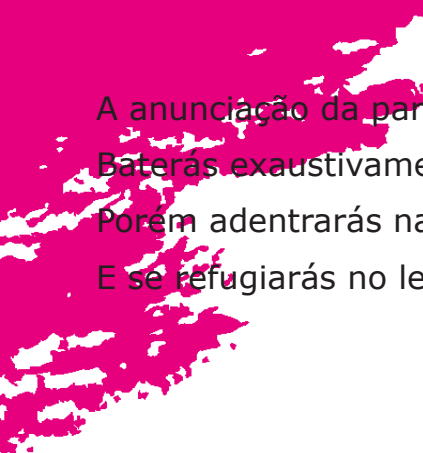


Poema

Macunaíma, Imperador do Brasil

Daniel dos Santos

Meu sol arderá na retina de teus olhos
Quando violentarás minha solidão em uma noite sombria de pesadelos
Nos quais Xangô sacrificará animais com seus raios impetuosos
E fará escorrer rios de sangue em fluxo ininterrupto na encruzilhada do futuro



A anunciação da partida do amor tão esperado nos dias de dores intermináveis.
Baterás exaustivamente na porta de minha gaiola
Porém adentrarás nas dependências de meu corpo
E se refugiarás no leito de meus sonhos

Fabricados com vômitos, tormentos e esperanças.

A felicidade me abandonou em minha infância

Pois uma maldição habita em minha alma

Contaminada por deuses brancos,

fascínios hereditários,

vinganças secretas,

desejos mudos,

pedagogias opressoras,

terrores matrimoniais.

Meu amor, acreditarei que me ouvirás em distorções sonoras

Desesperada a afogar-me no fundo de um poço profundo e infecto,

Ou em prantos torrenciais no porto-cais das saudades

Onde estarei esperando incansavelmente teu regresso

Dos mares tenebrosos e misteriosos.

Espero a redenção como quem espera a morte.

O
Exu de
Basquiat
ou “poema de sete encruzilhadas”

Denisson Palumbo

LAROIÊ em inglês

falo de pincéis

na encruzilhada

sem proporção áurea

lembro os negros reis

trago tumbeiros em vapor

e pinto cor-esperma

excitado com o infinito

pela encruzilhada

cigarros e cinzas de carro

tintas e testículos de fogo

entre setas caminhos

ebós abstratos comidos

pelos famintos notívagos

nova-iorquinos de quinta

perdidos na praça do tempo

longe dos amarelos móveis

da encruzilhada

além das paredes

da esclerótica e da retina

martelos de leilões de arte

apalpam telas

como a tetas

e exu dá gargalhadas

enquanto basquiat passeia

pela eternidade

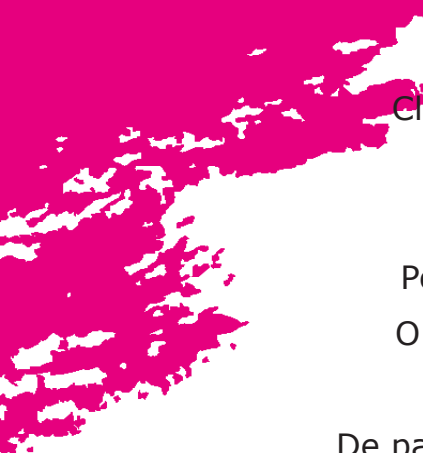
fria galeria

ENCRUZILHADA

O Toque do Tambor

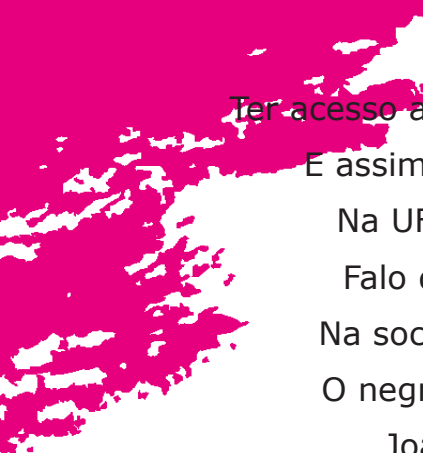
Marília Silva

Bem no terreiro, o batuque zune
O negro grita e a dor assume.
É bem no quintal que a palavra soa,
Que a cantiga rola e o canto entoa.
Falar a verdade, bem perto de nós,
Tem outro continente, com seu rei, sua voz



Clamando por seu povo, gente negra sofrida,
Eu falo da África e mostro a ferida!
Por ter em seu clamor, seu povo lesado,
Por ter os seus filhos, cruelmente roubados.
O europeu lá chegava, sem dó nem piedade,
Dizia ser o branco, a cor da verdade.
De países da Europa, o branco seguiu em tripulação
Buscavam homens fortes para escravo os tornar,
Usar de seus serviços e ao meu irmão humilhar.
Chegando em outras terras, naquele belo continente,
Notaram as raízes de um povo diferente.
No traço, na cultura, no brilho e no olhar...
Era um povo especial, não era ocidental.
Viviam num mundo distante, lutavam entre si,
Mas longe do que pensavam dali não queriam sair.
E se assim o fizesse, era por algo melhor,
Não pensavam em escravidão, nem queriam o pior.
Mas os que se achavam sábios, com peles esbranquiçadas,
Buscavam a riqueza, numa ambição desenfreada.
Invadiram os terreiros, invadiram os quintais,
Roubaram o sonho da África, seus povos, seus minerais.
Ao chegar aqui, no país ocidental, foram os negros escravizados,
O trabalho era constante, uma grande ocupação,
Da senzala pra lavoura, da cozinha pro salão.

As negras eram obrigadas, a deitar-se com o patrão.
Em meio a tanto sofrer, sem sonho, sem perdão,
Chega o dia enfim, de uma breve solução.
Vamos revolucionar, chega de humilhação.
É preciso então lutar e acabar com a escravidão.
Sem dó, nem piedade, como bicho eram tratados.
Perderam suas famílias, os negros foram lesados.
Passaram por maus lençóis, seus sonhos foram negados,
Na verdade eles queriam alegria e liberdade
Queriam também respeito, mostravam sagacidade
O negro pensa nas florestas, na sua preservação
Querem o que é seu por direito, respeito e educação.
Na África é bem diferente no atabaque e no tambor
No suor de sua gente, animais e natureza têm afetivo valor.
Para se tirar uma folha da árvore, mesmo que seja para um chá,
Pede licença aos deuses, pede a rainha do mar.
Cada povo tem cultura, sua lenda e sua crença,
A África e seus tambores fazem na história a diferença.
Depois de muitos anos, batalhas então travadas,
No século XXI a população negra é lembrada.
Livre da corrente da opressão, do sofrer e omissão.
Políticas afirmativas foram impostas, para mudar essa situação.
Movimentos sociais, contra o preconceito e a discriminação.
Foi preciso um alto grito, foi preciso uma revolução.



Ter acesso às cotas, o poder em suas mãos a partir da educação.
E assim garantir seu espaço, buscando a sua libertação.
Na UFRB, a estrela negra é Pró-reitora de Extensão,
Falo de Santiago, mestre, doutora, mulher furacão.
Na sociedade do conhecimento, das Políticas Especiais
O negro também é reitor, das Universidades Federais!
Joaquim Barbosa, negro que é ícone nacional,
Briga pela verdade e por justiça, na sala de um tribunal.
No meio do terreiro, o batuque zune o negro samba e a dor assume.
O terreiro é o templo, o quintal é a arte, vibrações soantes por toda parte.

Um bicho acuado...

Sierra Maestra

Poema inspirado num crime cometido pelo Estado contra um jovem negro e que foi estampado orgulhosamente pelos jornais como exemplo a ser seguido...!

Um bicho acuado com sangue na boca e ódio no peito

Moleque levado, seu pai de voz rouca, “menino sem jeito!”

A sua Maria, sem mais alegria, sua mãe mal amada

De ter todo dia, em vã revelia, sua voz abafada

Não era a virgem, e sua efígie cheia de suor

As mãos calejadas, a face estragada coberta de pó

Das suas mazelas, seria a pior delas ter filho bandido

Tomaram o que é dela, mas tanto já era que tinha esquecido

Porém seu menino, num tal desatino com ódio no peito

A rua saiu e tudo que viu era seu por direito

O tal não sabia, difícil seria tomar de alguém

Causando desordem, sacou um revolver fez um de refém

Então fez-se alarde, e toda cidade quis ver sua morte

A pobre Maria, na Gólgota fria lançada a sorte

Então um estampido, um tiro e ferido seu filho ao chão

Agora ele era mais um na fria tela da televisão!

Minha beleza não está à venda
No seu mercado negro.
Meu nome: risquei, com tinta preta,
Da sua lista negra.
Minha alma não cabe em sua igreja.

Horizontes Negros

Eduardo Filho



A música não está em meu sangue,
O ritmo não percorre minha veia,
Mas estão, contudo,
Em lugar mais profundo
Do que alcançam seus olhos
De colonial descoberta.

Tenho raízes onde a Humanidade começa
E guardo segredos desde o ventre
De uma memória ancestral
No entanto: presente
Que quando feita a verdadeira descoberta
Desaparecerá como fantasma
E ressurgirá,
Das cinzas maquinais,
Maior e melhor semente.

Fui o passado, serei o futuro.
Estou, pois, desde sempre, presente.
Nem tentem me apagar,
Não conseguirão me diluir.

Minha negritude agora pulsa em corações
Outrora colonizados por seu sangue azul.
E se um dia me foram trancadas as portas da história,
Hoje abro as do futuro,
Pois cada verso é um brado de alegria
Por um mundo tão claro quanto escuro.

Madiba



Conto

E do Silêncio se Fez o Grito!

Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro
LosiAlapanan

Acordou mais uma vez assustada, trêmula, muito suada e banhada em lágrimas. Mais uma vez aquele pesadelo de todos os dias voltava a assombrar-lhe e subtrair o sossego há muito inexistente. Flor sangrava para dentro. Até mesmo seu fluxo mensal era irregular e pouco (quase nenhum) e de uns tempos para cá quase tinha desaparecido.

CreSCia para dentro. Por fora, encolhia. Tornava-se cada vez mais corcunda com o peso da culpa que não deveria existir, nem sentir! Vivia ela enclausurada entre silêncios, muralhas e investia no distanciamento estratégico e rigidamente planejado, procurando sempre se defender. Temia tudo e todos. Qualquer um inspirava cuidado e causava-lhe medo. Mas não tinha sido assim sempre. Anterior ao seu estado de consciência entorpecida e quase insanidade, antes de tudo acontecer, ela transbordava afetuosidade. Era “uma graça de menina”, todos diziam. Alegre, cheia de vida e de vontade de viver e em nada lembrava o que se tornara.

Cabelos crespos, volumosos e revoltos, apontados sempre para o alto eram as principais e aparentes pistas da sua personalidade forte e determinada, mas isso era antes de tudo acontecer! Depois daquele nefasto episódio, tudo secou! Ela não conseguia sequer elaborar um projeto de retorno à vida. Com o seu psíquico comprometido, perturbado, não conseguia (re) erguer-se! Quem acreditaria agora em sua inocência e ingenuidade, tão próprias da sua idade, se o seu corpo exalava uma sensualidade precoce fortalecida pelo estereótipo da negra, fogosa e boa de cama? Ainda que fosse uma recém-adolescente.

Seios despontavam e pareciam querer furar a blusa. Os quadris alargavam-se e as curvas começavam a se delinear. Sua pele “cor de ébano” agregava informações equivocadas e estigmatizadas da “mulata”, indiscutivelmente quente e de pura luxúria! Aquela que era sempre a garantia de sucesso e satisfação sexual, ainda que ela não passasse de uma menina, recém-saída da infância.

Flor foi encolhendo, murchando e não mais acreditava que era possível voltar à vida com dignidade. Refugiava-se, então, no devaneio para entorpecer a alma, de um tempo para cá dolorida e que ainda sangrava e teimava em não cicatrizar!

Sair da toca, do fóro íntimo no qual tinha se enterrado, submerso e que parecia não sair mais; se permitir se tocar e ser tocada física e emocionalmente tornara-se irreal para ela. O mais próximo que chegava de tais sentimentos era quando avisava sua vizinha, bem mais velha que ela e graciosamente masculinizada. Ela sim fazia seu coração palpitar forte e veloz, num quase galope, alterando com o trote e a fazia lembrar, para não esquecer, que trazia algo dentro do peito, mas tudo isso era informação demais para uma garota que ainda iria completar doze anos. Então só sentia, inevitável e incontroladamente, mas não conseguia compreender na completude o que sentia.

O som dos atabaques, ao longe, trazidos pelo vento, quando o terreiro, no alto do morro, estava na função, também bulia muito com o seu interior, com suas dilaceradas entranhas. Atingia o auge do “mal estar” ou assim ela concebia, quando um *korin* específico era entoado. O eco que chegava pelas frestas do barraco e que reverberavam em seu *okan* e *orí* era algo equivalente a “*oba ko so aro*” (o Rei não se enforcou) e ainda que sua cabeça rodasse e seus joelhos fraquejassem, ela era tomada de uma força e convicção de que não estava sozinha e que, no tempo certo, a justiça seria feita. Flor não sabia, mas eram seus ancestrais africanos sinalizando a cumplicidade e ligação para com ela e que se fazia necessário aprender que o tempo deles era outro, diferente do que ela vivenciava. No resto do tempo, era o frio, a inapetência e a letargia que a fazia prisioneira em sua própria casa e mais especificamente, em seu quarto clausura e em sua cama chão.

Entupida do indizível, acumulava angústia, tristeza e melancolia, via-se e concebia-se como lastimável. Seu íntimo, seu tribunal interno, batia o martelo e com veemência gritava: culpada!

Culpada!

Culpada!

E essa sentença reverberava cada vez mais em seu ínfimo ser. Era inconcebível para ela sair e se livrar da dor proporcionada pelo sentimento de culpa que não havia razão para existir!

Maculada, Flor não pensara no agressor como algoz. Acreditava que o mal e o estrago eram de sua inteira e exclusiva responsabilidade. Quem mandou nascer “da cor do pecado”?

Não conseguia e não mais tentava voltar para Si, se cuidar, superar o trauma que lhe dilacerava a alma. Não concebia a possibilidade de superação, mesmo que remota fosse! Encontrava-se esmagada pela falta de força e de esperança! Vazia não era a palavra para descrevê-la. TUMULTO de sentimentos era o que preenchia o seu ser, CONFUSÃO!

Como o outro, qualquer um passaria a vê-la quando inevitavelmente soubesse do ocorrido? De tudo o que se passou outrora e que parecia ter sido ontem tamanho era ainda o sentir? Como suportar os seus insondáveis subterrâneos que ameaçavam explodir e lhe causavam erupções na pele? Estilhaços de emoções reprimidas faziam sombras abaixo dos seus olhos.

O que fazer para se livrar dessa não vida? Dava para se livrar dessa tristeza que fez morada em sua alma ferida? Como narrar primeiro para si e depois para o outro o indizível, o impronunciável, o que a vergonha impossibilitava até mesmo o pensar? Como compartilhar uma terrível história? Para quem? Existiria alguém que desejasse ouvir? E narrar apaziguaria a dor sentida há tanto tempo sozinha?

Profundamente envergonhada enterrava em suas entranhas o maldito acon-

tecimento e o silêncio segredo entupia as suas artérias que passaram a ter dificuldade de bombear o *eje* até o *okan*, causando inúmeras manchas roxas ao longo do seu corpo cada vez mais pequenino. Um corpo tão jovem, mas que pesava feito chumbo por dentro. Era o peso do segredo, do silêncio. Nódulos apareciam aqui e ali num corpo desgastado, desacreditado de si mesmo.

Como pensar e contar para se livrar do peso que guardava em si, se esse ato implicava em profunda exposição e inevitável possibilidade de julgamento? Quem estaria disposto a absolvê-la da culpa que não fazia sentido existir, mas que teimava em permanecer?

A dilaceração interna se alastrava e algo dentro dela crescia assustadoramente e de forma inadiável. Ela tentava disfarçar, esmagar, amassar e comprimir o inevitável. Uma faixa apertava, fortemente, o seu ventre. No centro, um prato garantia o serviço de esconder o óbvio, o de tornar invisível o que em pouco tempo não poderia deixar de ser notado, tornando pública a sua vergonha ao mundo, a prova cabal do nefasto ato. O espelho há muito já tinha desistido de alcançar tamanha e impossível façanha.

O ventre cresceu, os seios avolumaram-se e era chegado, então, o momento de expurgar o mal. Sozinha, em sua profunda solidão de ser só no mundo, sem dores, sem dilatações, contrações e rompimento de bolsa, expeliu, sem grandes dificuldades o ser indesejado, fruto de um ato violento por parte do algoz. Foi numa noite fria, logo após o falecimento daquela que poderia, talvez, ter evitado tal ato, a sua genitora. Tomada por um susto, durante a gélida madrugada, sentiu alguém invadindo por entre as suas partes a procura de sua fenda, até então intocável, imaculada.

Ferida, violentada por aquele que deveria assegurar a sua proteção, foi se fortalecendo com os não-ditos e com o emudecer, com o segredo que a tornava cada vez mais rígida e miúda. Com o secreto que lhe degradava a alma, tornara-se uma sombra, um engodo para os outros, mas não para si.

Ensanguentada do parto, Flor decidira, ainda que atônita e fortemente sensibilizada pelo olhar fixo daquele inocente ser, por esfacelar o crânio do quase natimorto feto, seco que se encontrava por falta de quase tudo durante a sua estadia no útero que não se configurou como confortável e segura morada por nove meses. Quase nada lhe foi ofertado nesse tempo, pois quase nada tinha Flor para oferecer. Não tinha sequer para ela!

Para se certificar do resultado e por garantia contra a possibilidade de algo sair diferente do que foi dura e longamente planejado, o enforcara com o próprio cordão umbilical que até então tinha servido de fio condutor do mínima e involuntariamente doado por ela para garantir a sobrevivência do mesmo. Na sequência, com a mesma tesoura que cortou a ligação com a criança, dirigiu-se ao cômodo ao lado de onde tinha dado a luz e desferiu inúmeros e certos golpes no algoz que tentava dormir, após uma noite de incansável bebedeira. Com uma pontaria inacreditável e uma raiva incomensurável acertou o primeiro golpe no coração do crápula que lhe arrancara a possibilidade de uma existência digna. Mas era preciso correr. Limpar todo e qualquer vestígio de sangue no local. Alguém poderia chegar a qualquer instante, ainda que o silêncio imperasse no lugar e a madrugada garantisse certo tempo para refazer-se, como se possível fosse!

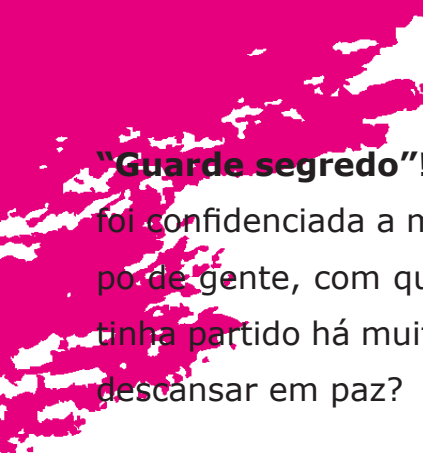
A criança inocente, ela enterrou decentemente no jardim e plantou algumas flores, rosas brancas ao redor. Já o corpo do escroto foi esquartejado e dissolvido

em ácido e o que por ventura restou foi levado pelo vento, virou adubo, mas nada fez brotar. Ainda tomada de uma raiva que parecia não caber em seu pequenino corpo, agora agigantado pelo ato, parecia que acumulava a raiva de todas as mulheres que a antecederam vítimas da violência sexual, ou de qualquer outro tipo, lavava-se compulsivamente, desejando livrar-se do odor da morte que parecia ter grudado em sua pele e em sua memória para não mais sair.

Flor tinha prometido a si mesma que seu “filho” não herdaria a maldição que ela trazia no peito. Como amar um ser que não lhe deixava esquecer a maldade perpetrada contra ela? Num ato de extrema bravura, mas que seria lido como profunda covardia e de intenso amor que assim não seria entendido, “decidiu” por colocar um fim naquela existência considerada, por ela, como nefasta, uma vez que fruto de violência, de uma agressão.

A pena a ser paga por ela, que nada devia, era carregar aquela não vida durante o resto dos seus dias. Ela não conseguia parar de pensar e de ver o embrião ejetado, agora e já há algum tempo, cadáver, com os olhos abertos e fixos nela, sua mãe-irmã e posteriormente acabou por descobrir que era fruto de uma história muito próxima por ela vivenciada. A mãe também sofrera vítima de um incesto. O círculo fora, então, quebrado.

Em pensar que essa história já se arrastava por mais de três décadas e era (re) lembrada e (re) vivida dia após dia por ela! As cenas pareciam ainda tão nítidas, tão recentes! Como ele pode fazer isso com ela? Logo ele que era seu **pai**?



"Guarde segredo"! Não conte a ninguém essa história que acabei de contar! Ela foi confidenciada a mim num leito de morte pela Flor já quase inexistente, um fiapo de gente, com quase quarenta quilos e ínfima no tamanho. O restante dela já tinha partido há muito tempo. Quem sabe agora Flor não conseguisse, finalmente, descansar em paz?

Zé Pretão e a Marca Social

*Leandro Muniz
Rodion Caetano*

José, garoto de ouro, tinha lá na faixa dos seus quinze anos, sentou-se no banquinho perto da mais influente boca do morro, localizado ao lado do barraco de Dona P., senhora de calos nas mãos para alimentá-lo. Mão no queixo, olhos na

lame e sentia a vida comer dele os miolos.

Craque de bola, cabeça em pé, elegante, passadas largas e dribles desconcertantes, um primor! Gostava de fazer gols e de sentir garboso o elogio de melhor do campinho esburacado no meio do terreno baldio ali presente.

- Rapá, tu é pancada, vai dá pra quebrar coluna e metê na coruja lá na casa da porra! - vibravam os colegas de baba e os espectadores da calçada de boa maconha e magnum enfeitando a cintura.

No entanto, aquela efusão demorou pouco, ficou ainda maior. Perplexos, todos voltaram os seus olhares para o lado oposto a fim de perceberem a razão do burburinho que se alastrava.

- Olha aí, olha aí, tem até microfone, é o Badú chegando! Aê Badú, Badú, Badú! - comemoravam os pivetes a presença do mediático zagueiro forte de seleção, filho da favela, de sucesso e de gorro nike, camisa nike, bermuda nike, meias nike, tênis nike e correntão de ouro enforcando o pescoço, um craque! Vá lá, um digno retorno, as câmeras do J.N. flagravam cada sorriso aberto, queriam saber da inauguração da Chega Junto, como todo bom beck quebrador, "ONG de responsa!", falavam.

- Essa obra é a realização dum sonho, tira os minino da criminalidade, né, dá futebol, né, educação, né. E se Deus quiser! Esses meninos vão ser alguém na vida! - emocionou-se Badú. Suas palavras foram fortes como as patadas que distribuía em campo, firmeza de milhões no bolso.

O camisa 3 morava longe alguns Kms do seu berço num luxo de condomínio de dez seguranças por um quarteirão, sua mansão tinha um grande bom gramado para um futebolzinho particular, antes das loiras destinadas à fome e à sede. De

raras visitas no recanto de origem, quando aparecia elevava o sonho dos moleques ao sonho de jogador famoso, esvoaçava pela área uma efêmera alegria, e só.

Ah, mas aquela frase última na entrevista no horário nobre, “ser alguém na vida”, repetia-se como eco que martelava doloroso na caixa de José. Nosso pre-tinho logo indignou-se:

- Puta que pariu! Eu sou porra nenhuma!- falou alto ao olhar seu pisante meia boca, furado no cantinho do bico, fornecido pela mãe de um filhinho de barão para quem a Dona P. emprestava por ninharia seus serviços domésticos. “Antes no pé do pobre que no lixo”, afirmava resoluta.

Fantasiou, lá foi Zezinho visitar a Chega Junto, passos curtos, cabisbaixo, suor encharcando a gola da roupa em farrapos, um tanto fedorento. Sentia que uma solução pintou em seus dias de agonia. Lá, encontrou os abraços joviais das camisas coloridas dos cidadãos voluntários que o puxaram para o chão em ato solícito:

- senta aí filho, vamos nos apresentar, alegria! Seu nome tem importância aqui, felicidade nessa carinha, ora! - Com efeito, boas faces, mas no íntimo pintou-lhe a dúvida de ser ou não apenas mais um troféu de orgulho de solidário jogador, ou ser o tal “alguém” como queria, um alguém como o craque camisa 3. Bem, se todos veneravam as pessoas que apareciam na TV e tinha um modelo de gente assim pertinho, por que não ser semelhante?

Por vezes, a vida colabora quando se tem meta firmada, acredita-se até em conspiração do universo. Encontrou Dadinho Boca, em pé, recostado no muro, cheio de marra, cigarro no cantinho dos lábios, prata grande e brilhante na esquina do portão da ONG Chega.

Ele era um recrutador hábil do buraco do fumo, de olhar esguio, força aparente, era olheiro considerado. Estava feito! De pronto um sorriso doce surgiu no rosto antes triste de Zé, talvez tenha imaginado uma ligação afetiva com a função de olheiro futebolístico em sua cabecinha palco de guerras. Foi selecionado, lá mesmo na “Ó Êne Gê” - tinha o perfil ideal pra coisa - pelo agá decente do Boca deu para entender:

- Aí moleque, tu é boleiro e quer pompa, tá na cara! Vem cá, te mostro gente que arregaça! Tu bota cara de bicudo, mete essa belezinha na cintura e vira pancadão, seu nome vai rodar em todo canto nos ‘ouvido’ dos camarado, carne de pescoço, fuderoso!

Não demorou muito, emergiu José, potente! Desfilando habilidade, jogando bala nas cabeças alheias, conquistando morros e afins. De tanto ser expert ficou até famoso, aparecia todo santo dia no canal 7, virou ídolo para outros. Era entrevistado no escuro da câmera e elevava a audiência do telespectador indignado de controle remoto na mão.

A fama marginal do pretão Zé trouxe-lhe louros, de gente a glória. Fez casarão na favela emplacando seu castelo festivo no feudo, carro importado virou brinquedo descartável.

Caminhou rumo ao sonho. Fez um timaço de até categorias de base, sub-10, sub-13, sub-15 nas malocas que presidiu. Dono e presidente e camisa 10, ganhou todo campeonato organizado pelas bocadas desportivas, “O Bandidão”. Rei da bola e do delituoso, analista safo, de atuação rápida e certa, brocador! Entrou na história das pessoas, transformou sonhos, criou destinos, foi genial, um craque reconhecido num modelo que se mostrou diferente daquele de seu ídolo Badú, mas

não escapou de ser face da mesma moeda.

Filho sem mãe e criado por Dona P., já reconhecido protótipo de alguém, associou-se, então aos “anéis de ouro” de além da fronteira, claro, o povo de lá tinha a matéria-prima do seu sucesso de primeiríssima qualidade. Respeitado, conseguiu regalias e aparatos.

Vivenciou Badú e seu exemplo, quis fazer diferente. Então, José formulou outro espaço fez, da calçada arquibancada e das roupas rasgadas, uniformes Puma, é, bichinho que patrocina as seleções de África, só para garantir que usava coisa de marca, mas era negro de respeito e não usaria a marca do tio que se usa pelos playboys.

- Boto pra foder em qualquer lugar! – Zé repetia a frase como um mantra, mas sabia, no íntimo, que conseguiu não tudo desejado.

Ganhou fama, lutou como felino pelo boom, sobrepôr um mundo ao outro, à sua maneira e à dos adeptos conquistados. Zé, O Pretão, circulava pelos folhetins, mudaram seu nome mais uma vez, “José” não vendia. Gostou do nome épico e em sua saga suada chegou ao cume, sua cara aparecia limpa, agora arrancava sorrisos e atenção dos telespectadores, acenava rassicamente para os flashes estrelando a sua munhequeira Nike. Estava até rouco dos comícios, queria se tornar vereador, em meio àquela parafernália de coletiva de imprensa, falava com riso de comandante:

- agora a playboyzada toda rasteja meu beco, ouve meu som, usa as marcas que meu povo usa, sou moda. Muito engraçado, lembro dos meus quinze anos em que era nada, andava maltrapilho por aí, todo remendado, ninguém me dava bola. Hoje, sou celebridade, invento e reinvento o que vender e o jeito de aparecer, sou

alguém importante nesse mundo. Graças a Deus!

* * *

- Olhe minino! Há aqui uma lenda, um santo, saudoso Zé Pretão. Deu conceito pr'esse povo daqui, dominou com cateira a bola no pé e com dedo no gatilho um tapete verde como de estádio europeu. Ele fez da molecada gente com camisa de escudo, tênis bunito. Quando eu era minino, era um pega pra capar nesse lugar, tiro dos PM pra todo lado, hoje a história é diferente, os home nos protege na paz

- Gargalhou absoluto o velho preto entre um gole gelado e o tabuleiro de dama, a comer todas as peças pretas do garoto negro em cada lance de suas peças brancas.



